issn: 1645-006X

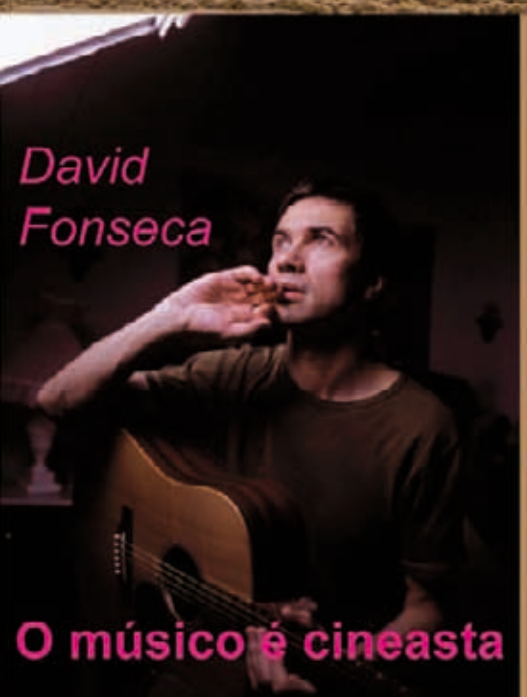
POLITECNIA

Revista do Instituto Politécnico de Lisboa
Ano VIII • N.º 17 • Janeiro de 2008

Chuva de Estrelas no IPL

Nelson Évora

O Campeão do Mundo no campus de Benfica



David Fonseca

O músico é cineasta

Eunice na Escola de Teatro

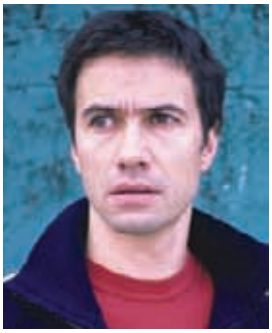
19

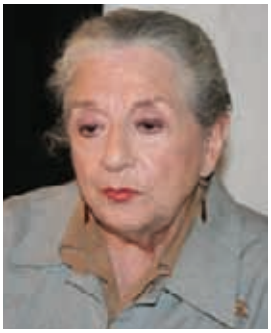
No âmbito da disciplina de Projecto Final de Curso da Licenciatura em Engenharia de Electrónica e Telecomunicações e de Computadores do ISEL foi desenvolvido, pelos finalistas Nuno Amaro e Pedro Fernandes sob orientação do Prof. António Serrador, um sistema de localização com a particularidade de permitir a transmissão de vídeo captado remotamente.

22

"Parceria com a Universidade de Lisboa será referência europeia de qualidade" afirma o professor Vicente Ferreira, na sua primeira grande entrevista após a sua reeleição como presidente do Instituto Politécnico de Lisboa. O dirigente considera que as escolas e os institutos superiores que integram o Politécnico de Lisboa devem manter a sua autonomia.

28, 49, 54





Que têm de comum Nélson Évora, David Fonseca e Eunice Muñoz? Uma relação afectiva forte com o Instituto Politécnico de Lisboa ! O campeão do mundo do triplo salto é aluno do curso de Publicidade e Marketing da Escola Superior de Comunicação Social; David Fonseca, estudou Direcção de Imagem na Escola de Cinema; e Eunice Muñoz, antiga aluna do Conservatório Nacional, foi homenageada pela Escola de Teatro.

37

Integrado no programa FINICIA, com a Universidade Católica Portuguesa, o Instituto Politécnico de Lisboa vai apoiar os alunos das suas oito escolas que queiram lançar-se em aventuras empresariais promissoras. Num tempo em que os empregos já não são para toda a vida a opção de criar um negócio é um projecto aliciante que vale a pena considerar.

Sumário

5 Parar Para Pensar
L. M. Vicente Ferreira

6 Amanhã Será Notícia
Nova editora musical
Sérgio Azevedo

10 Ronda das Escolas

14 Novo e Interessante
O IPL e a Certificação de Qualidade
Sónia Vieira

19 O Acontecimento
Tecnologia de Vídeovigilância
António Serrador, Nuno Amaro e Pedro Fernandes

22 A Grande Entrevista
Vicente Ferreira e o futuro
Orlando Raimundo e Paulo Silveiro

28 Em Foco
Nelson Évora na ESCS
Paulo Silveiro

33 Profissão
A bailarina das Mil e Uma Noites
Vanessa de Sousa Glória

37 Empreendorismo
Programa FINICIA
Clara Santos Silva

41 Reportagem
Jovens empresários em acção
Paulo Silveiro

43 Memória
O lado escondido do ISEL
Catarina Leal e António J. Silvestre, Armando Martins e Henrique Miranda

49 Histórias de Sucesso
David Fonseca, cineasta
Vanessa de Sousa Glória

54 A Protagonista
Eunice Muñoz na Ribalta
Vanessa de Sousa Glória

64 Estante

66 Tribuna Livre
José João G. Santos

ESTATUTO EDITORIAL

1. A revista Politecnia é uma publicação trimestral, editada pelo Instituto Politécnico de Lisboa, que assegura e disponibiliza informação de referência sobre a vida do IPL e a actividade das oito escolas que o integram;

2. A Politecnia respeita a Constituição da República e as leis que se enquadram nos direitos, obrigações e deveres da Imprensa, tendo em conta o Código Deontológico dos jornalistas. E compromete-se a respeitar os direitos e deveres inerentes à liberdade de expressão e ao direito a ser informado, observados que sejam os princípios consignados neste Estatuto Editorial;

3. A Politecnia rege-se por critérios de rigor e honestidade, sem dependências de ordem ideológica, política ou económica, no respeito integral pelos Estatutos e a Lei Orgânica do IPL;

4. A Politecnia elege como público de referência as instituições (económicas, políticas e sociais) da sociedade civil e o corpo docente das oito escolas do IPL, e os alunos, pais e educadores em geral;

5. A Politecnia quer contribuir para a unidade do IPL e a afirmação da sua cultura própria, em prol do desenvolvimento em Portugal de um Ensino Superior de qualidade, apostado na qualificação profissional dos alunos;

6. A Politecnia diferencia os artigos de conteúdo opinativo dos artigos informativos e reserva-se o direito de interpretar e comentar, nos seus espaços de opinião, os factos e acontecimentos de âmbito educativo que se relacionem com a sua actividade;

7. A Politecnia está aberta à colaboração de todos os docentes do Instituto Politécnico de Lisboa que tenham contributos, no domínio da Educação, importantes que queiram partilhar;

8. A Direcção da Politecnia reserva-se o direito de não publicar a colaboração não solicitada, que considere não ter a qualidade pretendida;

9. A responsabilidade dos textos publicados é inteiramente assumida pelos seus autores;

10. A Politecnia participa no debate dos grandes temas da actualidade educativa, relacionados com o Ensino Superior, tendo em vista a discussão de questões de interesse para o IPL e a troca de ideias entre aqueles que se preocupam e dedicam ao seu desenvolvimento e prestígio.

Nota do Editor:

Ao editar o texto de Cláudia Viegas "Estudantes precisam de aprender a escolher os alimentos que comem" (*Politecnia nº 16* de Setembro de 2007) cometi um erro de interpretação. A autora acha que "diariamente um jovem necessita de 70 a 80 g de gordura", mas não admite que essa quantidade possa estar num único prato. As minhas desculpas.

Orlando Raimundo

POLITECNIA

Ano VII Número 17 Janeiro 2008

Director
L. M. Vicente Ferreira

Editor
Orlando Raimundo

Redactores
Bárbara Gabriel, Clara Santos Silva, Jorge Silva, Margarida Jorge, Paulo Silveiro, e Vanessa de Sousa Glória

Fotografia
Catarina Neves, David Lopes, José Alexandre, José Frade, Manuel Esturrenho, Pedro Pina, Sofia Gomes e Tiago Euzébio; e Federação Portuguesa de Atletismo, Museu Nacional do Teatro, NBP, Teatro Maria Matos

Correspondentes
João Costa (Dança), Lucy Wainewright (Educação), Luísa Marques (Teatro e Cinema), Margarida Saraiva (Teatro e Cinema), Maria João Berkeley Cotter (Contabilidade e Administração), Maria João Gonçalves e Rita Ferreira (Tecnologia da Saúde)

Colaboradores Permanentes
António Serrador, Luís Osório, Luísa Marques, Manuel Esturrenho, Paulo Morais-Alexandre e Sérgio Azevedo

Colaboradores
António Jorge Silvestre, Armando Martins, Catarina Leal, Henrique Miranda, Maria Amélia Nunes de Almeida, Nuno Amaro e Pedro Fernandes

Colunista
José João G. Santos

Grafismo e Paginação
Orlando Raimundo (coordenador), Paulo Silveiro e Vanessa de Sousa Glória

Propriedade
Instituto Politécnico de Lisboa
Estrada de Benfica, 529
1549-020 Lisboa
Telefone: 217 101 200
Fax: 217 101 236
e-mail: gci@sc.ipl.pt
site: www.ipl.pt

Redacção, Admin. e Publicidade
Estrada de Benfica nº 529
1549-020 Lisboa

Impressão
Tipografia Peres, Rua das Fontaínhas, Lote 2 Venda Nova
2700-321 Amadora
Depósito Legal- 158054/2000
ISSN- 1645-006x

Tiragem: 4 000 exemplares

Capa:
Vanessa de Sousa Glória

A autonomia das unidades orgânicas

A NOVA legislação aprovada recentemente pela A. R. para a reorganização do Ensino Superior, vulgo RJIES, que revoga as leis anteriores e que entrou em funcionamento em Outubro último, impõe a reforma das Instituições de Ensino Superior obrigando-as à criação de novos estatutos, diga-se, aliás, num período extremamente curto, com vista à adequação às novas disposições da lei.

O atraso na regulamentação prevista no novo regime jurídico para algumas matérias, poderá, desde logo, vir a pôr em causa o cumprimento por parte das Instituições do prazo de oito meses que a nova lei consagra para aprovação dos novos estatutos.

Todavia, uma questão que para nós é tão ou mais relevante do que a falta de regulamentação é o conhecimento das orientações e conteúdos previstos para o efeito e a necessidade da subsequente discussão sobre aspectos tão sensíveis que irão condicionar o futuro projecto organizativo e educativo de cada instituição.

Neste leque de preocupações destacamos a regulamentação sobre a autonomia das unidades orgânicas. Para o IPL esta é uma questão fulcral, tendo em atenção o que foi o desenvolvimento pela Instituição nas suas duas décadas de existência e todo o percurso histórico anterior das suas unidades orgânicas, podendo mesmo em termos logísticos não estar capacitado para mudanças profundas com efeitos imediatos.

O modelo estatutário autonómico que o IPL adoptou desde o primeiro momento para cada uma das suas unidades orgânicas mostrou ser um modelo fundamental no desenvolvimento do seu projecto educativo global, cujos resultados são hoje bem visíveis e muito positivos quer ao nível particular de cada escola quer ao nível da instituição no seu todo. Temos muitas dúvidas e algumas reservas de que um modelo centralizado, mesmo

L. M. Vicente Ferreira

O modelo estatutário autonómico que o IPL adoptou desde o primeiro momento para cada uma das suas unidades orgânicas mostrou ser um modelo fundamental no desenvolvimento do seu projecto educativo global

ao nível da gestão financeira, possa produzir melhores resultados.

A possibilidade de cada área de formação, representada por cada escola, ter podido desenvolver o seu projecto, orientando-o internamente por agentes intrínsecos às escolas e conhecedores das matérias, foi seguramente mais profícua, mesmo cometendo-se erros, do que se esse projecto tivesse sido orientado por agentes externos e não conhecedores das matérias, ainda que pertencentes à Instituição. Por isso, a nossa grande preocupação será com a produção de uma regulamentação cuja orientação e conteúdo visem, de forma indiscriminada, a perda de autonomia por parte das unidades orgânicas. Qualquer regulamentação sobre a matéria de autonomia das unidades orgânicas obrigará à definição de parâmetros objectivos e quantificáveis. Emergem nesse sentido dois parâmetros principais: i) número de alunos e ii) receita de orçamento privativo.

Mas um único valor, seja ele qual for, para todo o universo do ensino superior politécnico que tenha em atenção o número de alunos, a receita de orçamento privativo e/ou outros parâmetros que não antecipamos aqui, é um modelo perfeitamente desajustado e inadequado com o qual não poderemos estar de acordo. Por isso, é nosso entendimento que deverá haver vários valores que diferenciem e contemplem as várias áreas científicas de formação.

De facto, uma área científica de formação como são as artes performativas não deve ter as mesmas exigências de número de alunos, que, por exemplo, a área de engenharia, porque o mercado de oferta de emprego é muito mais reduzido, o que conduzirá sempre a uma dimensão de escola de artes invariavelmente mais pequena, e no que diz respeito ao orçamento privativo não pode ter as mesmas exigências de valor percentual que, por exemplo, a área de gestão, porque os custos do ensino das artes são substancialmente mais elevados determinando, à partida, uma receita de orçamento privativo sempre muito mais reduzida.

Assim, aceitamos o princípio da quantificação por parâmetros objectivos para dimensões mínimas de sustentabilidade, mas condicionado a um valor definido para cada uma das várias áreas científicas de formação. Salvaguardada a dimensão mínima de sustentação governativa, é, pois, legítimo admitir o direito da unidade orgânica para gerir autonomamente os seus próprios recursos. Esta será, aliás, num país democrático e adulto, a única via para o exercício de uma cultura de competência e de responsabilidade.

Nova e promissora aposta na música portuguesa

Uma nova casa editora, apostada em colmatar de vez a míngua de publicações de partituras portuguesas de todas as épocas, surgiu finalmente em 2007. A tarefa é imensa, babilónica mesmo. Há milhares e milhares de obras por copiar, a partir dos originais manuscritos ou de cópias manuscritas para programas, de música mais antiga, e centenas de outras já copiadas, quer em Finale quer em Sibelius, pelos seus autores. Todas à espera de formatação nos moldes da editora.

Textos de Sérgio Azevedo

A AVA é uma empresa ainda sem apoios (o que poderá advir de ser recentíssima, ainda com poucas provas dadas), a braços com milhares de ficheiros e manuscritos. Constituída apenas por três sócios – um administrador e dois copistas – nasceu num meio que continua hostil à publicação de música. O desafio que tem pela frente implica muito trabalho minucioso, revisões, criação de PDF's. Poderá, anda assim, vencer onde as anteriores falharam? O que poderá mudar desta vez?

A resposta a estas perguntas poderá estar nos moldes de funcionamento, mais do que na qualidade do material. Qualidade (da cópia e do grafismo editorial) era coisa que não faltava às editoras que faliram ou desapareceram. O que tem faltado é a aposta nas novas tecnologias e a recusa do papel impresso em grandes quantidades.

A aposta da Ava vai no sentido da comercialização apenas "on-line", quer através de "download" pago, quer através da venda à unidade de cada obra. Isso fará com que apenas se imprimam os exemplares comprados, deixando de se gastar dinheiro em edições de 500 ou 1000 exemplares que, não tendo saída imediata, custam fortunas não recuperáveis pelo investimento feito. A isto juntam-se os alugueres de obras para orquestra e semelhantes, nos moldes que qualquer outra editora pratica, uma vez que o aluguer não implica grandes volu-

O compositor Alexandre Delgado foi um dos primeiros a aderir à nova editora *on-line* de livros

mes de papel. A esta sábia decisão, que não implica investimentos vultuosos e locais de armazenamento caros, como acontece na edição em papel, soma-se a venda de discos e livros "online"; a aposta no estrangeiro, através do site bilingue e da promoção dos produtos em festivais e instituições de todo o mundo; a adição de uma colecção dedicada às crianças: e, ainda, a recuperação de obras do património clássico português, como a música de Bomtempo ou Sousa Carvalho. A forma de edição permite, por outro lado, fazer correcções ou revisões às obras, mesmo depois de disponíveis, sem inutilizar toda uma tiragem.

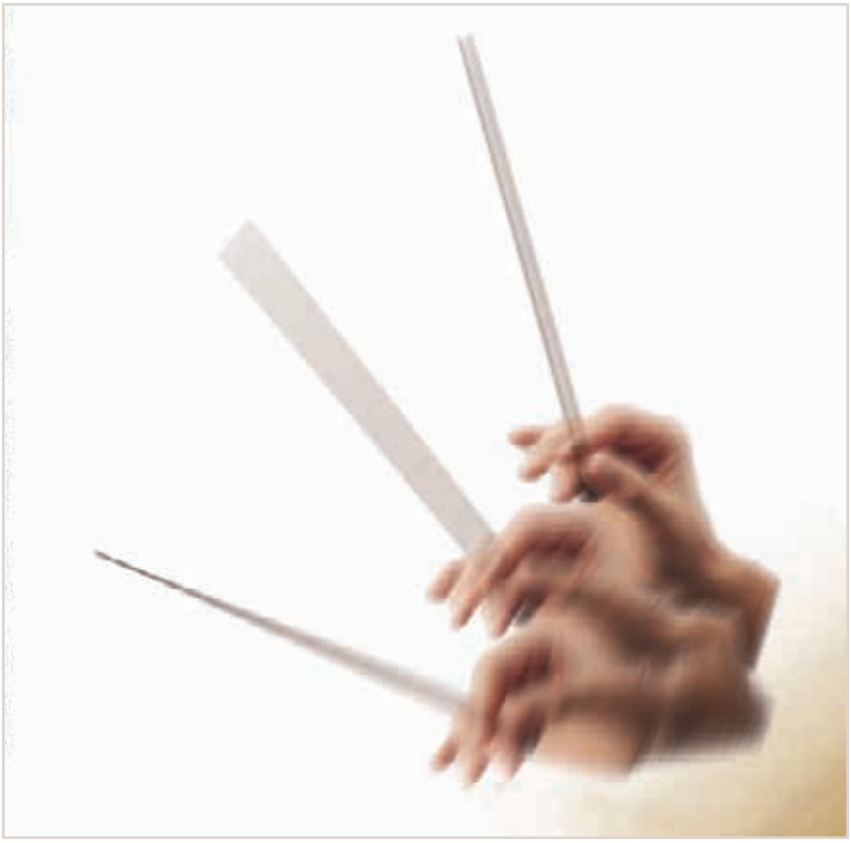
A intenção da AVA é cobrir gradualmente todo o panorama português ainda não publicado, o que é tarefa de monta. Mas a ambição parece, neste caso, somar-se à razoabilidade dos custos e a uma visão empresarial no melhor sentido do termo. Aliando a isso a qualidade da cópia e do grafismo, a AVA poderá vencer finalmente a maldição que parece ter sido lançada sobre a edição de música portuguesa. Já aderiram compositores da craveira de um António Pinho Vargas, um Carlos Marecos ou um Alexandre Delgado.

Uma situação editorial kafkiana

A EDIÇÃO em partitura de música portuguesa nunca foi um dos fortes do meio musical nacional. Por várias razões: escassa procura, relegação da música para um patamar inferior ao das outras artes, incultura musical da generalidade da população e dos governantes. Por tudo isso, a edição musical andou sempre ao sabor da maré e dos ventos, as mais das vezes contrários e adversos.

Do início do Século XX até aos anos 60, a edição em partitura de música popular (fados, cançonetas, música de revista) e de "clássicos favoritos" (Bach, Beethoven, Chopin) passou por bons momentos, graças a casas como a Sassetti ou a Valentim de Carvalho. Mas o mesmo não se poderá dizer da edição de música erudita portuguesa. Se o problema já se punha desde a morte de João Domingos Bomtempo, em 1842, ele agudizou-se ainda mais no século XX.

Algumas peças orquestrais ainda foram publicadas por relevantes casas



francesas, italianas, ou alemãs, e por uma ou outra das duas editoras portuguesas referidas. Aconteceu com a *Sinfonia per Orchestra*, de Fernando Lopes-Graça, editada pela Suvini Zerboni; com os *Prelúdios para Piano*, de Luís de Freitas Branco. Mas a situação geral manteve-se num estado lastimável. E a maior parte das obras publicadas em Portugal eram peças para piano ou para canto e piano. Só muito raramente alguma obra de câmara ou orquestral se tornava disponível, sem ser em cópia manuscrita.

A situação tornou-se tão precária que mesmo esses materiais manuscritos se tornaram quase irreconhecíveis, pelo uso constante de cópias de cópias. Algumas tornaram-se tão maus, que afastaram qualquer hipótese de um maestro estrangeiro querer programar uma peça baseada neles.

Chegamos aos anos 80 do século XX com uma situação editorial tão kafkiana, que não tem paralelo no mundo musical erudito moderno. Seja em que país for. Pode resumir-se tudo dizendo que a quase totalidade dos maiores compositores portugueses nunca viu a sua obra ser publicada em partitura comercial. Exceptua-se uma ínfima fracção de pequenas obras, que conseguiu sair a público em edições nacionais de baixa tiragem e nula circulação além-fronteiras. Falo de nomes tão significativos como Luís de Freitas Branco, Frederico de Freitas, Fernando Lopes-Graça, Jorge Peixinho ou Constança Capdeville. Emmanuel Nunes tem sido um caso à parte, uma vez que a sua música tem sido publicada em França, devido ao contacto e sua permanência nesse país desde os anos 60, e ao apoio

que sempre obteve por parte da Fundação Calouste Gulbenkian.

O aparecimento da Musicoteca, também nos anos 80, pareceu ir mudar radicalmente o "status quo". Mas a impressão desfez-se quando problemas editoriais e outros levaram ao fecho da loja e da editora, que desde meados dos anos 90 não dá sinais de vida ou recuperação. Durou, assim, dez anos o hipotético futuro risonho da edição musical em Portugal.

Várias pequenas empresas têm tentado dar a volta à situação, mas resistem mal aos custos inerentes à publicação em papel e à falta de apoios. Algumas fecharam portas pouco tempo depois da sua fundação. Outras têm resistido mais tempo, com fraca implementação, apesar da louvável resistência dos seus proprietários, Não passam de gotas de água em plataforma fervente. Empresas como a Fermata Editores, a Quantitas ou o Atelier de Composição (mais vocacionado para livros sobre música) têm tentado colmatar o vazio editorial português, sem conseguirem, por razões evidentes, substituir a Musicoteca. Esta chegou a possuir um importante catálogo de obras em circulação, nomeadamente as de Fernando Lopes-Graça, para além de mostrar um excelente resultado em termos gráficos.

O professor e compositor Sérgio Azevedo, autor deste texto, já aderiu também ao projecto

II Jornadas de Ciências Sociais nas Tecnologias da Saúde

Estão já marcadas para os dias 4 e 5 de Abril, nas instalações da Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, as II Jornadas de Ciências Sociais e Humanas. A primeira edição, que se revelou um sucesso, ocorreu há quatro anos. As expectativas da Comissão Científica e da Comissão Organizadora são altas, considerando a pertinência e a transversalidade dos temas em discussão.

"SERÁ seguramente um espaço plural de encontros e reencontros de profissionais, investigadores, docentes e estudantes das diferentes áreas que se debruçam sobre as múltiplas dimensões do campo da saúde", antecipa o professor David Tavares, da comissão organizadora. O docente explica que o objectivo é "reflectir e debater, de modo aprofundado e alargado, problemáticas complexas e potencialmente causadoras de perplexidades".

Deverão participar no encontro profissionais e académicos oriundos das diferentes áreas da saúde e das ciências sociais e humanas, nomeadamente médicos, enfermeiros, técnicos de diagnóstico e terapêutica das diversas áreas funcionais, psicólogos, sociólogos e cientistas da educação.

Os debates incidirão sobre a progressão das necessidades, exigências e desafios colocados ao sector da Saúde, nos seus vários vectores: prestação de cuidados, prevenção, ensino, investigação e estabelecimento de políticas.

As Ciências Sociais e Humanas desempenham já um papel de indesmentível relevo, demonstrando uma tendência de aprofundamento e alargamento na sua articulação com as múltiplas dimensões da Saúde. A sua colaboração com a Saúde concretiza-se tanto no plano da compreensão dos fenómenos e das suas mutações como no plano da aplicação dos seus esquemas de interpretação. Estende-se ainda à valorização científica dos profissionais que actuam no sector da Saúde, e ao plano da utilização do conhecimento produzido na promoção do desenvolvimento da prestação de cuidados e da qualidade de vida dos utentes do sistema de Saúde.

A iniciativa é uma oportunidade para o Departamento de Ciências Sociais e Humanas da ESTeSL promover, fora do campo das suas competências lectivas, um fórum alargado de discussão e reflexão. Através da realização destas II Jornadas de Ciências Sociais e Humanas em Saúde, consagradas ao tema *Saúde: complexidades e perplexidades*, o Departamento de Ciências Sociais pretende promover novo espaço de encontro e debate, promovendo a participação num espaço comunicativo comum de membros de classes e comunidades que normalmente estão disjuntos, apesar da partilha de preocupações e desafios.

É esperada a participação de médicos,enfermeiros, técnicos de diagnóstico e terapêutica, psicólogos, sociólogos e educadores

As grandes preocupações que presidem à consecução destas II Jornadas prendem-se com a contribuição para o incremento do contacto com temas de interesse para os profissionais de Saúde; a promoção do intercâmbio de conhecimentos entre as Ciências Sociais e Humanas e a Saúde; o estímulo das sinergias científicas entre essas áreas; e a reflexão sobre a contribuição das Ciências Sociais e Humanas na formação e na actuação dos profissionais de Saúde.

Estudantes de Comunicação no European Film Festival

A ESCOLA Superior de Comunicação Social respondeu ao desafio lançado pelo European Film Festival, do Estoril, e deu a oportunidade a 60 alunos seus de participarem na organização e cobertura do evento, que decorreu em Novembro. Durante os dez dias de festival, os estudantes puderam assim pôr à prova os conhecimentos adquiridos, numa primeira abordagem ao mercado de trabalho.

Responsável pela mediação com o European Film Festival, a docente Carla Medeiros acredita que a escolha recaiu sobre alunos da Escola Superior de Comunicação Social devido "às boas referências que existem deste estabelecimento de ensino". Carla diz que as actividades desenvolvidas pelos alunos se enquadraram nas "áreas em que a ESCS oferece formação", e daí a importância da experiência, que funcionou como "um estágio de curta duração". Os alunos desempenharam funções ao nível da assessoria de imprensa, *front office*, assistência de sala, apoio ao site, etc.

Entre o grupo de alunos que participaram no evento, esteve a equipa do programa E2. Eram ao todo treze jovens, divididos em três equipas, que se desdobraram em múltiplas tarefas, de forma a assegurar os conteúdos escritos e audiovisuais do site do festival e a realizar peças televisivas para a Euronews e a Eurovisão. Ricardo Flores, docente da ESCS e coordenador da equipa, acredita que a participação dos alunos lhes permitiu "trabalhar com profissionais e como profissionais", ao lidarem de perto com os desafios, os *timmings* e os obstáculos que a cobertura de um evento desta natureza comporta.

No terreno, os alunos tiveram a oportunidade de contactar com personalidades como Pedro Almodóvar ou o antigo primeiro-ministro francês Dominique Villepin, trabalhando a um ritmo que ajudou, segundo Joana Dias, do 3º ano de Jornalismo, a "ultrapassar dificuldades". Para Pedro Figueira, do 4º ano de Audiovisual e Multimédia, fazer captação de imagem para peças transmitidas na Euronews foi "uma enorme responsabilidade", devido à sua projecção internacional.

Ricardo Flores confessa que "a escolha da equipa foi muito complicada", devido ao interesse demonstrado por um grande número de alunos. Acabou por escolher as pessoas cujo valor já tinha sido demonstrado ao longo das emissões do E2. O resultado foi positivo. Só durante o primeiro fim-de-semana, o ponto alto do festival, a equipa produziu doze peças para o site e quatro para a Euronews.

Carla Medeiros acredita que o facto de a Escola estar muito bem cotada terá pesado na escolha dos seus alunos pela organização do festival. Ao mesmo tempo, também os alunos saíram recompensados desta participação, já que tiveram a "oportunidade de ver como são as coisas na vida real".

Os estudantes da Comunicação produziram contéudos para a Euronews e Eurovisão

Escola sem fumo

COM a campanha "Respira", a Escola Superior de Comunicação Social pôs em marcha o projecto de ser uma escola sem fumo. De forma a dar resposta aos problemas provocados pelo consumo de tabaco e pelo chamado tabagismo passivo, a ESCS iniciou uma campanha de sensibilização direccionada a alunos, docentes e funcionários, para que estes colaborem no esforço de colocar a Escola no mapa das instituições que a nível comunitário já aderiram a esta tendência.

Ao longo dos primeiros meses deste ano lectivo, serão levadas a cabo várias iniciativas com vista a uma maior participação e adesão do público-alvo desta campanha.

A ideia de tornar a ESCS uma escola sem fumo surgiu de "uma atitude proactiva", como refere a docente Maria Duarte Bello, coordenadora do gabinete de comunicação que desenvolve a campanha. O início do ano lectivo foi a data escolhida para lançar as novas regras, de forma a que a lei que passou a proibir o fumo em todos os espaços públicos fechados, a partir de Janeiro, dê continuidade a um comportamento já interiorizado pela comunidade escolar.

Foram já criados espaços ao ar livre, a pensar nos fumadores, que passam a estar impedidos de fumar no interior do edifício. Até agora, as reacções têm sido positivas, tanto por parte dos não-fumadores, como dos fumadores.

Formação e-Learning protege doentes idosos

OS PROFISSIONAIS de farmácia irão dispor de uma plataforma informática que lhes permite responder, de forma rápida, às dúvidas colocadas pelos utentes ao balcão. A formação prévia, prevenindo riscos de automedicação e polimedicação de idosos com hipertensão, diabetes ou Alzheimer vai ser dada na Escola Superior de Tecnologia da Saúde.

No âmbito do Programa Leonard da Vinci, a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa elabora, pela primeira vez, uma formação e-Learning destinada aos profissionais das farmácias. Cabe à escola a coordenação, a nível nacional, deste projecto europeu que pretende criar uma plataforma informática sobre os riscos da automedicação e polimedicação das pessoas idosas com problemas de hipertensão, diabetes e Alzheimer. O objectivo é nivelar as competências dos profissionais europeus de saúde, tornando a Europa num centro de saber.

Sob a direcção do Centro de Formação Pasteur de Reims (França), especialista em formação profissional contínua, o projecto, iniciado há dois anos, encontra-se em fase de divulgação. Os seus promotores esperam que seja aprovado até final de 2008.

Para além de Portugal, participam no programa a França e a Bélgica, que ficaram responsáveis pela elaboração de conteúdos sobre a doença de Alzheimer e a hipertensão. Ao nosso país coube a área da Diabetes.

Dirigido pela professora Carla Graça, o grupo de trabalho da Escola Superior de Tecnologia da Saúde, nomeado para este projecto, é constituído por sete elementos dos cursos de farmácia e dietética. Apesar de se tratar de uma formação ao longo da vida, vocacionada para as farmácias, a área da dietética é fundamental, uma vez que se abordam patologias crónicas relacionadas com a alimentação e com os estilos de vida adoptados.

Tendo a automedicação e polimedicação que ver com os medicamentos que não carecem de receita médica, a sua dispensa é da responsabilidade do profissional de farmácia. Cabe, por isso, a estes profissionais informar e alertar o doente para os riscos que corre. A questão é tanto mais pertinente quanto se trata do atendimento ao idoso, que por norma consome uma série de medicamentos. A formação e-Learning incluiu, por isso, um módulo sobre esta classe etária na nossa sociedade.

O programa formativo está dividido em sequências que poderão incluir texto, imagens e vídeos sobre os temas abordados. Em cada sequência, os formandos serão avaliados. Os formadores em farmácia, conhecidos por tutores – que em Portugal deverão ser professores da Escola Superior de Tecnologia da Saúde – vão acompanhar o processo formativo.

Atendimento ao balcão

A PLATAFORMA permite que o farmacêutico não só constate e actualize o seu nível de conhecimentos, sobre determinada patologia, como esclareça, de uma forma rápida, dúvidas que possam surgir no atendimento ao público. Isso permitir-lhe-á, por exemplo, pesquisar rapidamente sobre a interacção de determinados medicamentos.

A originalidade neste projecto europeu é que o modelo tradicional de ensino é substituído por meios e técnicas e-Learning. No local de trabalho ou em casa, o formando pode aceder, através de uma password, à plataforma informática onde estão disponíveis os conteúdos da formação, bastando para isso um computador ligado à internet. Uma das vantagens desta modalidade, segundo Carla Graça, responsável pelo projecto em Portugal, é a pessoa poder gerir o seu tempo como entender.

Nesta fase do projecto, a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, que já elaborou as sequências de formação em diabetes, aguarda que elas sejam introduzidas em formato e-learning para que possam ser apresentadas aos outros parceiros. Aprovado o projecto, a plataforma informática, contendo informação sobre as três patologias, será igual para todos os países com excepção de algumas adaptações resultantes da legislação interna.

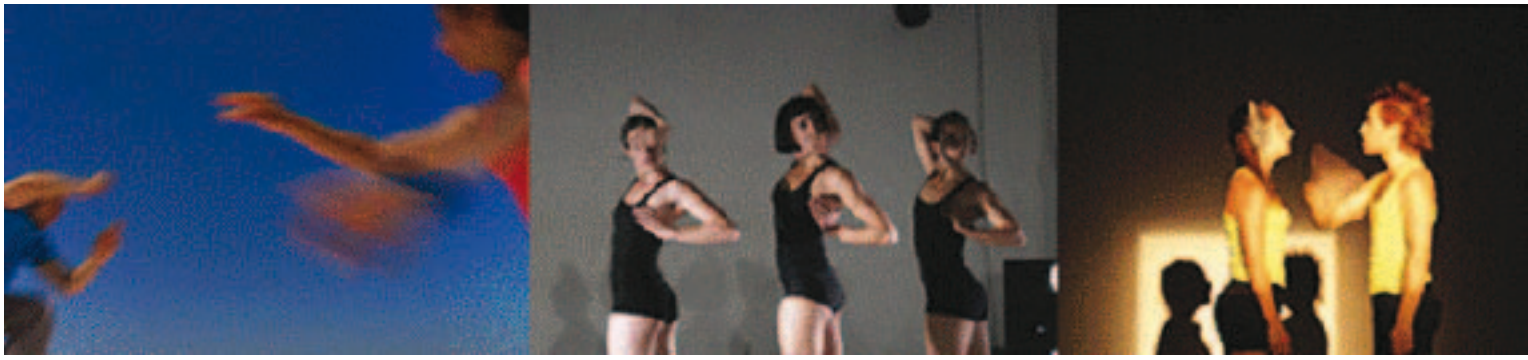
A disseminação do projecto pode ser feita como cada parceiro entender. É possível transpor este modelo formativo para outras áreas exteriores à saúde, e até para outros países. “Se percebermos que o projecto está a ter uma grande aceitação podemos desenvolvê-lo noutras doenças crónicas ou até avaliar a possibilidade de vender esta formação”, diz a professora Carla Graça.

Serviços de Acção Socia

Escolas Superiores/Institutos	Deferidos	Indeferidos	Total
Comunicação Social	274	68	342
Dança	26	7	33
Educação	296	84	380
Música	21	9	30
Teatro e Cinema	53	15	68
Tecnologia da Saúde	421	77	498
Contabilidade e Administração	273	80	353
Engenharia de Lisboa	315	145	460
T. GLOBAL	1679	485	2164

OS SERVIÇOS de Acção Social do Instituto Politécnico de Lisboa, instalados no campus de Benfica, atribuíram, no ano lectivo 2006-2007, 1679 bolsas de estudo a estudantes provenientes de famílias carenciadas ou com fracos recursos financeiros. Apresentaram pedidos de candidatura aos benefícios sociais 2164 estudantes, oriundos de famílias portuguesas, espanholas e de alguns países da Europa do Leste, já integrados na União Europeia. A Escola Superior de Tecnologia da Saúde é o estabelecimento de ensino do IPL com maior número de bolseiros – 421 – seguindo-se o Instituto Superior de Engenharia e a Escola Superior de Educação de Lisboa. No outro extremo situam-se as escolas das artes; a Escola Superior de Dança com sete bolsas atribuídas, a Escola Superior de Música com nove e a Escola Superior de Teatro e Cinema com 15.

Danças da "Próxima Vaga" mostradas no



A ESCOLA Superior de Dança voltou a apostar na apresentação de espectáculos pelos alunos no átrio da escola. "Próxima Vaga" foi o nome escolhido para o mais recente ciclo, que tem a particularidade de reunir obras coreografadas de alunos que já terminaram o curso. É esta a forma de lhes possibilitar espaços para ensaio e oportunidade de apresentarem publicamente os seus trabalhos.

O primeiro espectáculo da "Próxima Vaga", tal como os anteriores, aberto à comunidade, exibiu um vídeo-dança realizado por António Cabrita e coreografado por Luís Marrafa. A atenção centrava-se nas coreografias *Limites*, de Luís Marrafa; *Entsetellung*, de Catarina Gonçalves; e *90 Graus*, de Rita Aveiro.

Entretanto, cinco alunos da Escola Superior de Dança apresentaram-se como autores na Plataforma Coreográfica internacional de Almada. Foram eles Catarina Gonçalves, Luís Marrafa, Maria Radich, Patrícia Milheiro e Pedro Ramos.

A Plataforma Coreográfica Internacional é o momento alto da Quinzena de Dança, organizada ao nível internacional pela Companhia de Dança de Almada. Por ali têm passado nomes consagrados da dança portuguesa, bem como profissionais de mais de 40 países.

A par dos sete portugueses, doze outros criadores internacionais responderam ao convite que lhes foi dirigido, vindo a Portugal mostrar os seus contributos para a variedade e vitalidade da actual dança mundial.

A edição 2007 da Quinzena de Dança de Almada decorreu de 1 a 18 de Novembro, e a Plataforma Coreográfica de 14 a 17 do mesmo mês no ano transacto.

A participação de ex-alunos da Escola Superior de Dança, a este nível na Plataforma de Dança de Almada, traduz o reconhecimento da comunidade pela qualidade criativa de autores nela formados. E é, por outro lado, o resultado positivo do

al fazem balanço positivo

	ESE	ESCS	ESTC	ESTeLX	ISCAL	ISEL
Set.	3009	547	1424	7979	2090	20622
Out.	7084	5200	3741	13488	9724	29269
Nov.	7874	5466	3748	12483	10544	30096
Dez.	3516	2491	1634	5490	5483	14507
Jan.	5801	4123	3064	6240	8697	20022
Fev.	3042	2856	1662	5792	3771	12887
Mar.	4544	4794	3498	12402	9901	25858
Abr.	4227	2335	2043	7867	6336	18897
Maio	6665	4691	3227	11513	10076	25939
Jun.	4394	1978	2131	6137	7232	18647
Jul.	1009	0	1031	3949	3702	13535
T. ANUAL	51165	34481	27203	93340	77556	230279

No ano lectivo 2006-2007 as cantinas das escolas do Instituto Politécnico de Lisboa serviram um total de 514.024 refeições. Novembro foi o mês onde se atingiu o pico de refeições servidas, com mais de 70 mil. As cantinas do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa (166 lugares) e da Escola Superior de Tecnologia da Saúde (192 lugares) foram as que registaram maior afluência com mais de 230 mil e 93 mil respectivamente. As refeições são a um preço acessível à bolsa de qualquer estudante, dado serem subsidiadas, cifrando-se, em média, nos 2,10 euros. A maioria dos estudantes está contente com a variedade das ementas e a apresentação, tempero e composição dos pratos, segundo um estudo realizado pelos Serviços de Acção Social em Junho do ano passado.

Bairro Alto

empenho colocado na licenciatura ministrada na instituição.

O final de 2007 foi ainda marcado por uma exposição de quatro monografias da jovem pintora brasileira Ceci Lombardi no átrio da Escola Superior de Dança. As monografias, encadernadas segunda a tradição do século XIX, reuniam vinte e duas imagens, consideradas estudos, experiências e confissões da artista e da sua necessidade de jogar com as conotações do desenho e da pintura.

As imagens desenvolvem-se como organismos entendidos como bactérias, criaturas aquáticas ou rochas.

Estreia da Escola Superior de Música

A PRIMEIRA aula nas novas instalações da Escola Superior de Música de Lisboa realizou-se no dia 11 de Dezembro, a pedido dos alunos, interessados em visitar o novo edifício após a conclusão das obras.

A professora Cecília de Almeida Gonçalves fez uma "leitura" do edifício, à luz dos modelos culturais que enfatizam os aspectos informais e simbólicos das organizações. A sessão foi integrada na disciplina de Gestão Educacional.

A docente chamou a atenção dos estudantes para a harmonia entre o projecto de arquitectura e o projecto artístico-pedagógico da ESML. E destacou a centralidade do auditório, relativamente ao edifício no seu todo, para o processo de ensino/aprendizagem.

Dois alunos da Escola Superior de Música de Lisboa foram premiados no Concurso Internacional de Composição da Póvoa de Varzim 2007. São eles Hugo Ribeiro, que ganhou o I Prémio na categoria de Música Orquestral e uma Menção Honrosa na categoria de Música de Câmara; e Ana Seara,

que recebeu o II Prémio na categoria de Música Orquestral.

Entretanto os diplomados Ricardo Ceitil, João Rodrigues, Sónia Alcobia e Lucinda Gehrhardt, bem como o ex-aluno Rui Baeta, foram seleccionados para participarem, como cantores, nas produções do curso de Encenação de Ópera, promovido pela Gulbenkian.

O IPL como exemplo de certificação de qualidade

O reconhecimento de "Organização de Qualidade", obtido recentemente pelo Instituto Politécnico de Lisboa, é um marco importante na sua afirmação nacional e internacional. A certificação, atribuída por uma entidade independente, confirma não só a existência mas o funcionamento pleno, em termos modernos e eficazes, do seu sistema de gestão.

*Textos de Sónia Vieira**

A CERTIFICAÇÃO de uma organização, constituindo um sucesso assinalável, exige a criação e implementação do seu Sistema de Gestão da Qualidade e a verificação por uma entidade independente, credível e representativa da sociedade, que atesta, pública e oficialmente, a conformidade deste Sistema aos requisitos de qualidade da norma NP EN ISO 9001:2000. Assim, a marca de "Organização de Qualidade" tem um carácter objectivo e institucional o que, valorizando a presença da organização na sociedade nacional e internacional, por um lado, aumenta, por outro, a sua responsabilidade perante esta. O Sistema de Gestão da Qualidade (SGQ) é, neste contexto, o elemento decisivo, que confere à organização a diferença para melhor. Passa a ser, verdadeiramente, um activo da organização, de importância comparável aos seus recursos humanos, à sua liderança e ao seu serviço ou missão.

Ser uma Organização de Qualidade significa ter a competência e a capacidade de saber fazer, saber melhorar e saber satisfazer a população por ela servida ou o seu público-alvo. Para cumprir o objectivo de *Saber Fazer*, a organização tem de compreender a sua missão, deter as competências técnicas requeridas pela regulamentação aplicável e dotar-se dos meios necessários para concretizar a sua missão. *Saber Melhorar* exige a adopção de ferramentas de gestão estruturadas ao nível do planeamento dos objectivos e meios e a capacidade de execução e avaliação dos serviços, definindo as acções de melhoria contínua que valorizam a organização. O objectivo de *Saber Satisfazer* o público-alvo é conseguido através da identificação do "cliente", do conhecimento dos seus requisitos e da auscultação das suas expectativas e grau de satisfação.

Foto de Pedro Pina

Os responsáveis pela regras da qualidade no IPL, no hastear da bandeira: Pedro Pinto Coelho, chefe de divisão; e António Marques, administrador

É já um lugar-comum afirmar-se que o cliente é a razão de ser de qualquer organização. O serviço prestado pela Organização só tem razão de ser quando confere valor para o cliente a que se destina. É pa-

ra o cliente, pois, que a organização investe na Gestão da Qualidade. E é o cliente quem, em última análise, avalia a qualidade da organização.

As Normas ISO 9000 são, neste contexto, guiões, tanto para os clientes que precisam de seleccionar os seus parceiros, como para estes que têm de demonstrar estar aptos a sê-lo. O processo de criação, implantação e certificação do Sistema de Gestão da Qualidade de uma organização envolve todo o colectivo, sob a liderança da gestão de topo. É um projecto de mudança, que releva o que a organização tem de melhor, rectifica as suas fraquezas e consolida a sua missão.

O segredo do sucesso dos Sistemas de Gestão da Qualidade está na aplicação de ferramentas de gestão de auto-controlo e avaliação sistemática, como as auditorias internas e os processos de revisão do sistema. Haverá, pois, que monitorizar o desempenho, actuar sobre os resultados e melhorar o novo planeamento dos objectivos.

A certificação de Sistemas de Gestão da Qualidade é um movimento dinâmico, a nível nacional e internacional, que se estende mundialmente a todos os sectores de actividade. Sendo uma mais-valia para as organizações neste mercado globalizado, permite uma aproximação aos padrões de exigência das suas congéneres estrangeiras. No contexto actual de clarificação pelo Estado português (Decreto Lei Nº 369/2007) em que o sistema de avaliação das Instituições de Ensino Superior exige a concretização de sistemas de garantia da qualidade, passíveis de certificação, assume crucial valor o referencial ISO 9001, já com provas dadas.

Actualmente em Portugal, o sector dos serviços destaca-se, sendo já possível encontrar Reitorias de Universidades, Serviços Centrais de Institutos Politécnicos, Escolas Superiores e outras Instituições de Ensino certificadas, segundo a Norma ISO 9001: Qualidade. E o Instituto Politécnico de Lisboa passou a ser uma delas.

** Consultora da Qualiwork*

Os 16 Mandamentos da Qualidade

Para que uma instituição possa ser reconhecida como "Organização de Qualidade" tem de cumprir um conjunto de requisitos. São aquilo a que poderemos chamar os Dez Mandamentos da Qualidade. A saber:

Empresas Certificadas ISO 9001- Qualidade

	Dez. 1996	Dez. 2000	Dez. 2005
Mundo	162.701	408.631	776.608
Europa	109.961	220.127	379.937
Portugal	535	1.696	5.820

Fonte: " ISO Survey "

Decompondo os dados constantes do quadro, verifica-se que em 2005 as empresas portuguesas representavam já 1.53% do total europeu e 0.75% do total mundial. Já a quota europeia obtem uns expressivos 48.92%, face à percentagem mundial

Politécnico bate recorde de candidatos

O INSTITUTO Politécnico de Lisboa registou neste ano lectivo o maior número de candidatos aos seus cursos dos últimos dez anos. Concorreram ao Politécnico de Lisboa, no total das duas fases, 18.232 estudantes, que ultrapassaram largamente o número de vagas existentes em primeira opção. A média geral de entrada situa-se nos 15,5 valores.

Os Institutos Politécnicos obtiveram, no seu conjunto, um crescimento de 25% na primeira fase do concurso nacional de acesso, acolhendo sete mil novos candidatos. As universidades registaram um crescimento de 17%, cifrando-se o crescimento médio nacional nos 20%.

O Instituto Politécnico de Lisboa, acompanhando esta nova realidade social de aumento do número de candidatos para o ensino superior, apresentou um crescimento de 50%, quando comparado com a 1ª fase de 2006, e de cerca de 20% quando comparado com o total de alunos de 2006. Este facto é tanto mais relevante quanto representa a consolidação de uma tendência já registada no ano passado.

A expressividade do crescimento do Instituto Politécnico de Lisboa, que representa o dobro da média nacional para o ensino politécnico, é indissociável de uma política sustentada do aumento da qualidade do projecto educativo de cada uma das suas oito escolas. Os últimos investimentos em infra-estruturas, formação em pós-graduações e projectos de investigação permitiram um alto nível de desenvolvimento da instituição. E isso ocorreu não só no que se refere aos aspectos pedagógicos mas, também, na introdução de novos equipamentos e tecnologias e no desenvolvimento científico na qualificação do corpo docente.

IPL e Universidade de Lisboa estreitam relacionamento

Arquivo *Politecnia*

O reitor da Universidade de Lisboa, António Sampaio da Nóvoa no ISEL

AO DISCURSAR na abertura do ano lectivo do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, para que foi convidado, o reitor da Universidade de Lisboa, António Sampaio da Nóvoa, sublinhou a necessidade de se construírem plataformas de confiança entre as várias instituições do Ensino Superior, em Portugal, para realizar as mudanças pretendidas.

Explicitando melhor o seu pensamento, o catedrático reafirmou a vontade de criar, conjuntamente com as escolas que integram o Instituto Politécnico de Lisboa, um "importante espaço de ensino" de âmbito nacional e europeu. E fez questão de deixar claro que as plataformas de confiança neste caso já existem, por vontade expressa da presidência do IPL e da reitoria da Universidade.

Entretanto, na continuação, do processo de colaboração entre o Instituto Politécnico de Lisboa e a Universidade de Lisboa, e ao abrigo do protocolo institucional existente, têm decorrido reuniões de trabalho entre unidades orgânicas das duas instituições com o objectivo da criação conjunta de programas doutorais.

Decorrente deste processo, e por iniciativa do ISCAL, com a colaboração da Faculdade de Direito, da Faculdade de Ciências e do Instituto de Ciências Sociais, foram propostos ao Senado dois programas de doutoramento nos domínios da Administração Pública e das Ciências Empresariais.

Na reunião da Comissão Científica do Senado, realizada em 26 de Novembro do ano passado, foi aprovada a criação do ramo de Administração Pública, área de especialização de Gestão do Sector Público (deliberação nº 175/2007), e do ramo de Ciências Empresariais, áreas de especialização de Contabilidade, Finanças Empresariais e de Gestão (deliberação nº 176/2007). Por iniciativa conjunta das diversas unidades orgânicas das duas instituições académicas, encontram-se em processo de preparação diferentes propostas para programas doutorais noutros domínios do conhecimento.

A prática em destaque nos mestrados de comunicação

A COMPONENTE prática, uma característica já conhecida nas licenciaturas da Escola Superior de Comunicação Social, é o destaque dos diversos mestrados ali ministrados neste ano lectivo. A ideia é ir ao encontro daquilo que os profissionais do mercado da comunicação procuram como formação complementar.

No ano em que a escola acolhe o 2.º ciclo do Tratado de Bolonha, o balanço dos primeiros meses é positivo e espelha a grande procura que os mestrados obtiveram nas diferentes áreas leccionadas. Jorge Veríssimo, vice-presidente da Escola Superior de Comunicação Social, afirma a este respeito que a escola "conhece o mercado e tem conhecimento do que as pessoas necessitam para melhorar as suas performances". Daí a adequação aos diferentes perfis. "Esta oferta dá resposta – explica o docente – às necessidades de profissionais de outras áreas, bem como aos recém-licenciados".

Entre os mestrandos, há antigos alunos da Escola Superior de Comunicação Social, mas também de outras instituições de ensino, havendo casos de alunos que optam por adquirir o grau de mestre em outra área que não aquela em que se licenciaram.

Também o leque de professores conta com uma grande diversidade: há docentes que vêm dos EUA, por exemplo, para expor e partilhar conhecimentos adquiridos nas suas áreas de intervenção.

"A qualidade do corpo docente, dos conteúdos programáticos e das condições que a Escola oferece" explicam – garante o professor Jorge Veríssimo – o sucesso da estreia dos mestrados em Publicidade e Marketing, Gestão Estratégica das Relações Públicas, Jornalismo e Audiovisual e Multimédia, havendo o "reconhecimento de que a formação que a ESCS dá é uma mais-valia".

Arquivo *Politecnia*

Scholar Ship faz escala na ESCS

DURANTE a sua escala em Lisboa, alguns dos estudantes estrangeiros que viajam a bordo do Scholar Ship deslocaram-se à Escola Superior de Comunicação Social, para conhecer as instalações e contactar com os colegas portugueses.

Em parceria com a Universidade de Lisboa, a ESCS abriu as portas aos alunos-passageiros de Comunicação Intercultural, que tiveram a oportunidade de participar em algumas actividades. Os estudantes, de países tão díspares quanto a China, Costa Rica. Estados Unidos, Marrocos ou a Austrália realizaram exercícios nos estúdios de televisão e de rádio, confessando-se impressionados com as potencialidades tecnológicas da escola do IPL, sobretudo o estúdio virtual.

O encontro foi ainda oportunidade para um debate sobre o jornalismo actual e os desafios colocados pela sociedade da informação. As jornalistas Florbela Godinho, da RTP, docente da ESCS, e Maria João Costa, da Rádio Renascença, acompanharam a comitiva.

Para António Belo, presidente do Conselho Directivo da Escola, a visita foi um sucesso, comprovado pelo entusiasmo dos visitantes. E foi uma excelente oportunidade para dar a conhecer a escola a alunos e professores de universidades estrangeiras de prestígio, estreitando os laços de cooperação com eles e com a Universidade de Lisboa, parceira em Portugal neste projecto.

De Lisboa o Scholar Ship rumou ao Panamá, com a anotação no livro de bordo de vir a colher, num futuro próximo, estudantes portugueses.

ISCAL define metas de 2008

FOI numa atmosfera de confiança e optimismo, resultante do crescimento do número de candidatos ao Instituto que a presidente do Conselho Directivo do ISCAL, Maria Amélia Nunes de Almeida, traçou as três metas, para o presente ano lectivo.

A primeira é o alargamento do espaço de ensino, através da aposta num plano de doutoramentos, através de um protocolo com a Universidade de Lisboa, nos ramos da Administração Pública e das Ciências Empresariais. Este plano, conjuntamente com diversas acções de formação e seminários, procura proporcionar aos alunos uma formação mais abrangente, consolidando a sua aprendizagem ao longo da vida.

A segunda meta a atingir diz respeito à melhoria da qualidade de ensino, pelo recurso a novas tecnologias de formação. O ISCAL tem vindo, de resto, a inovar nas metodologias de ensino, ao lançar três projectos de formação, que aplicam o conceito de *learning business by doing business*, simulação empresarial aplicada à gestão e Finanças Empresariais. Isso permite aos alunos dos cursos de Contabilidade e Administração, Gestão e Finanças Empresariais, realizarem simulações de trabalho em organizações. As novas tecnologias estão ainda presentes, no ISCAL, na aplicação de softwares que permitem escrever sumários, lançar notas, ou realizar inscrições e pagamentos on-line.

A terceira meta apresentada reporta ao estímulo da investigação e qualificação dos docentes, sendo do intenção da direcção incentivar a participação dos docentes em projectos de investigação e na sua qualificação profissional.

A visão estratégica do Conselho Directivo assenta na premissa de melhoria da imagem e prestígio do ISCAL. E isso passa pelo reforço da qualidade do ensino e da adequação da formação dos alunos às necessidades do mercado.

Três novos mestrados no Instituto de Contabilidade

Arquivo *Politecnia*

O MINISTRO da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Mariano Gago, aprovou, em 13 de Dezembro do ano passado, três novos mestrados no Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa. A decisão traduz, com grande clareza, o reconhecimento pela tutela das capacidades e da qualidade de ensino ali praticado.

A aprovação dos novos níveis de formação académica em Contabilidade, Contabilidade e Gestão das Instituições Financeiras e Contabilidade Internacional vêm reforçar, em muito, o sucesso conseguido por esta unidade orgânica do Instituto Politécnico de Lisboa junto da comunidade.

Os três mestrados agora aprovados constituem um leque alargado da oferta dando continuidade aos estudos das Licenciaturas do 1º ciclo em Contabilidade, Gestão e Finanças. O processo da sua implementação para o próximo ano lectivo de 2008/09 já se iniciou.

Os actuais e potenciais alunos do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa têm, assim, a possibilidade de conseguir concretizar, a partir deste ano lectivo, a sua formação no ensino superior, nos três ciclos do Processo de Bolonha. Irão dispor de três licenciaturas, sendo uma delas em três ramos; quatro mestrados, estando um já a funcionar, desde o início do ao lectivo e; e dois ramos de doutoramentos, um dos quais em três áreas, como resultado do protocolo assinado com a Universidade de Lisboa.

O Mestrado em Auditoria foi solicitado à Direcção-Geral do Ensino Superior em 31 de Março de 2006, autorizado em 15 de Junho e iniciado em 24 de Setembro de 2007, com duas turmas de 25 alunos cada. Apresentaram-se 132 candidatos, para as 50 vagas abertas. Estes licenciados são oriundos de 18 instituições de ensino superior, universitárias e politécnicas, quer públicas quer privadas, incluindo um candidato formado por uma universidade brasileira, o que obrigou, naturalmente, a uma criteriosa selecção dos candidatos.

Há ainda três mestrados já solicitados, mas ainda não autorizados, em Controlo e Gestão de Negócios, Gestão Pública e Contabilidade e Análise Financeira. Para os acolher, o ISCAL reforçou, de imediato, os fundamentos inicialmente apresentados, no sentido de conseguir a sua aprovação. E recentemente foram apresentados pedidos de mais três: Negócios Internacionais, Fiscalidade e Gestão e Empreendedorismo.

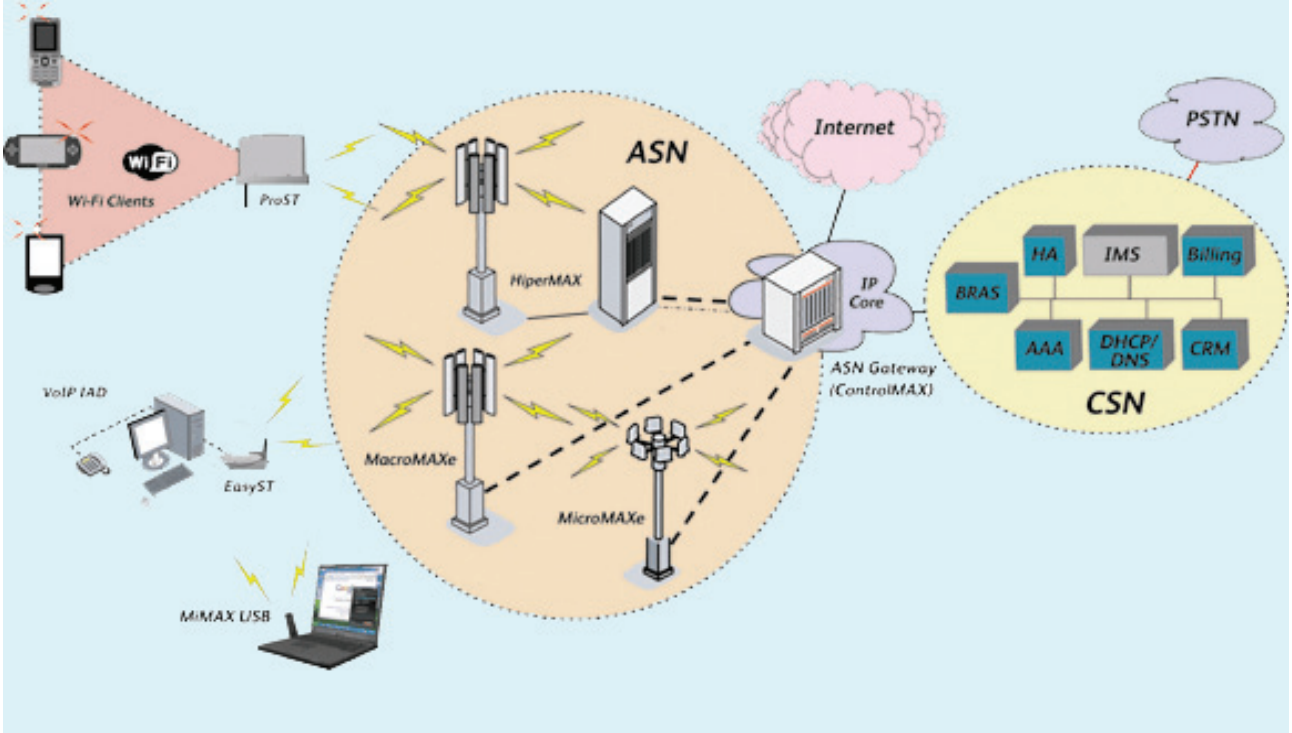
Tecnologia WIMAX

ISEL desenvolve novo sistema de videovigilância

O Instituto Superior de Engenharia de Lisboa desenvolveu um novo sistema de localização, a pensar nas empresas e no grande público, que permite a transmissão de vídeo captado remotamente. A inovação disponibiliza aplicações em tempo real que garantem mobilidade ao utilizador e conseguem determinar, graças à componente multimédia, a posição de um receptor em qualquer ponto do globo, com uma margem de erro reduzida.

Textos de António Serrador, Nuno Amaro e Pedro Fernandes

A interface web desenvolvida integra GPS, Video e Google Maps



O rápido desenvolvimento de novas tecnologias de comunicações móveis tem proporcionado o aparecimento de novas aplicações e serviços. Estes novos serviços móveis, têm tido na maioria dos casos, uma grande aceitação não só da parte de empresas, como do grande público em geral. Havendo uma forte tendência na inclusão de conteúdos multimédia nestes serviços.

Tendo em conta estas tendências de mercado o Instituto Superior de Engenharia de Lisboa e o seu Departamento de Engenharia de Electrónica e Telecomunicações e de Computadores (DEETC) considerou oportuno o desenvolvimento de soluções que disponibilizem aplicações em tempo real e que garantam mobilidade ao utilizador. Um dos serviços que se baseia na mobilidade do utilizador é precisamente o serviço de localização remoto. Assim, e de forma a introduzir uma componente multimédia neste tipo de serviço, surgiu a ideia de implementar um sistema de localização remota com transmissão de vídeo.

Os sistemas de posicionamento baseados em GPS (*Global Positioning System*), assumem nos dias de hoje um papel importante, na medida em que permitem optimizar recursos. Com a evolução tecnológica, estes sistemas são integrados em outros novos serviços, adicionando valor a novas tecnologias de transmissão sem fios, nomeadamente o novo sistema WiMAX (*Worldwide Interoperability for Microwave Access*). À semelhança de outros sistemas de localização, o sistema desenvolvido no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa baseia-se na tecnologia GPS que permite determinar a posição de um receptor em qualquer ponto do globo, com uma margem de erro reduzida.

Os sistemas de posicionamento baseados em GPS (Global Positioning System), assumem nos dias de hoje um papel importante, na medida em que permitem optimizar recursos.

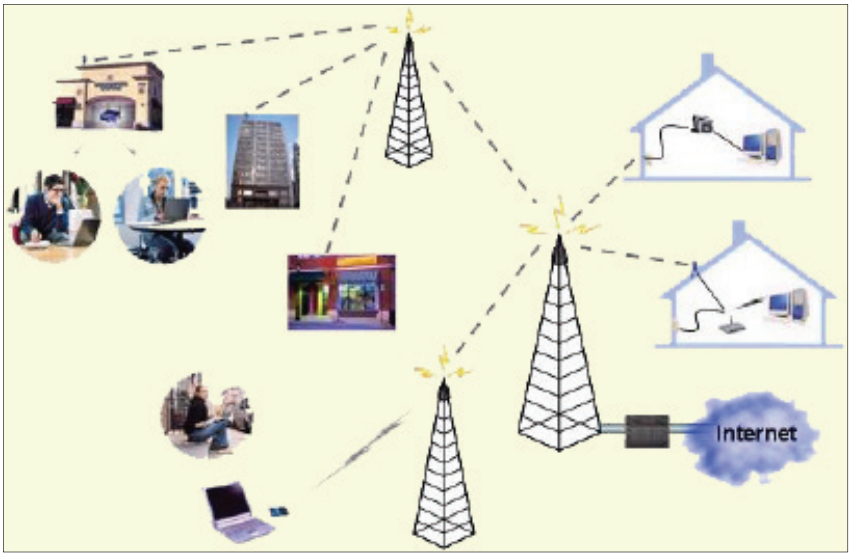
A arquitectura do sistema desenvolvido é constituída por um módulo remoto e um módulo de controlo. O módulo remoto é composto por um receptor GPS, uma câmara *web* e um terminal WiMAX. O módulo de controlo é responsável pela recepção de coordenadas geográficas e do sinal de vídeo, podendo este ser feito através de um receptor WiMAX ou qualquer outro meio de acesso à Internet.

Com vista ao desenvolvimento deste e de vários projectos baseados nesta tecnologia juntamente com o apoio de algumas empresas, o ISEL-DEETC instalou uma estação base WiMAX no edifício A do *campus* do ISEL, permitindo assim vários estudos com estudantes do DEETC e também investigação.

A execução do projecto consistiu no desenvolvimento de *software*, realizado em duas vertentes: no tratamento e apresentação da informação respeitante às coordenadas e do vídeo, e na comunicação com o *hardware* utilizado. A apresentação das coordenadas e do sinal de vídeo é feita com recurso à plataforma *Google Maps*™ da *Google*, que possibilita a apresentação de pontos geográficos sobre mapas através de uma página *web,* sendo estes mapas usados on-line. Assim, a visualização do vídeo e da localização do módulo remoto é efectuada através de um simples browser, evitando a necessidade de instalar qualquer aplicação como se ilustra na figura.

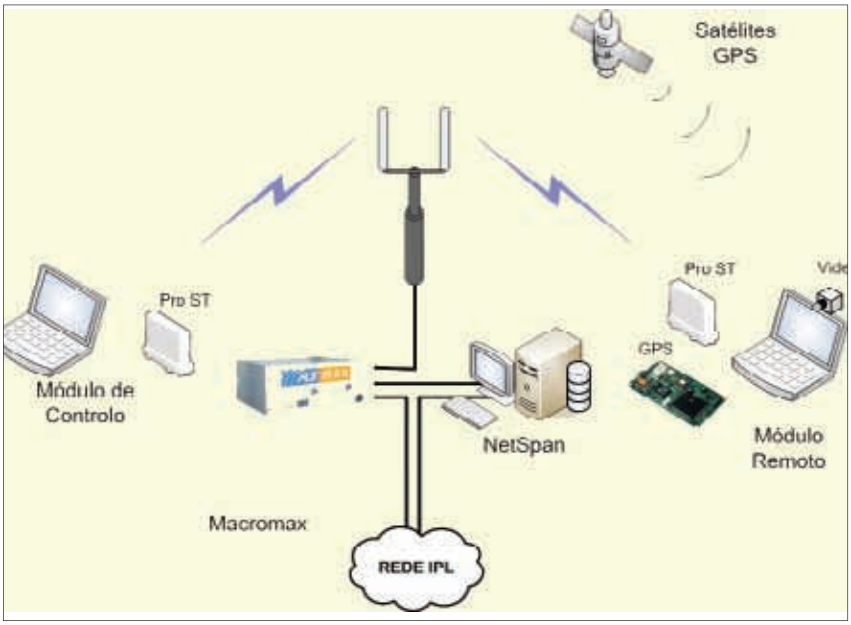
Transmissão de vídeo em tempo real

A MODULAÇÃO usada na interface rádio do WiMAX tem um impacto relevante no desempenho do sistema. Durante as medições efectuadas, foi possível analisar os diversos tipos de modulação utilizados no WiMAX, sendo que para potências de recepção mais baixas é utilizada uma modulação com menor número de *bits* por símbolo, o que se traduz em ritmos de transmissão mais baixos. Nestas condições, formatos de vídeo com menor número de *bits* conseguem ter melhor desempenho. Um bom exemplo é o codificador H.263, muito utilizado em sistemas de vídeo-conferência.



Com vista ao desenvolvimento deste e de vários projectos baseados nesta tecnologia juntamente com o apoio de algumas empresas, o Instituto Superior de Engenharia de Lisboa instalou uma estação base WiMAX no edifício A do seu campus

Durante os testes efectuados no campus do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, foi possível estabelecer um valor de referência para a potência de transmissão. Valores acima de -72dBm permitem a utilização de um codificador de video com melhor qualidade, como o JPEG. Em pontos onde a potência de recepção seja inferior a -90dBm não é possível estabelecer ligação. Sendo que o valor da potência de recepção, depende da distância e das condições de propagação em LOS (*Line Of Sight*), NLOS ou quase-LOS. O WiMAX como tecnologia de acesso de banda larga apresenta essencialmente duas normas: 802.16d e 802.16e, para sistemas fixos e móveis, respectivamente. Estas podem vir a assumir um papel relevante não só para os operadores existentes, nas soluções



Arquitectura do sistema

chamadas *last mile* (cobertura de locais remotos), mas também para novos operadores.

Neste projecto, foi demonstrada a integração do sistema de posicionamento GPS com sistemas de video vigilância "nomádicos".

O sistema de localização de vídeovigilância permite a qualquer pessoa, através do Google Maps, de uma forma simples e económica, a transmissão de vídeo em tempo real, com o posicionamento associado à fonte do mesmo. O processo assenta sobre o protocolo IP, sendo este o elemento agregador que permite a utilização de todas as tecnologias de acesso que o suportem, tal como o WiFi e o WiMAX em todas as suas diferentes normas.

Com um pouco de imaginação e consciência das necessidades do mundo moderno, sobretudo nas sociedades ocidentais, europeis e norte-americanas, a solução proposta neste projecto pode ter diversas aplicações, em áreas como a segurança e o transporte, entre várias outras.

Vicente Ferreira e o futuro do IPL

"Parceria com a Universidade de Lisboa será referência europeia de qualidade"

Reeleito presidente do Instituto Politécnico de Lisboa para um novo mandato, o Professor Luís Manuel Vicente Ferreira assume, na hora da tomada de posse, um ambicioso projecto de desenvolvimento da instituição, que tem como ponto forte a parceria com a Universidade de Lisboa. Gerar uma instituição com dimensão que lhe permita competir no espaço ibérico e europeu e tornar-se "uma referência europeia no ensino superior" é o objectivo, assumido e partilhado. Mas as ideias e os projectos, aqui explicitados em entrevista à Politecnia, são múltiplos e diversificados.

Entrevista conduzida por Orlando Raimundo e Paulo Silveiro

Fotos de Catarina Neves

POLITECNIA – Na sua candidatura de 2003 apresentou como princípios básicos a promover no IPL a qualidade, a dignificação e o prestígio. Sente que esses objectivos foram alcançados?

VICENTE FERREIRA – A qualidade, a dignificação e o prestígio eram os macro-objectivos da candidatura de 2003, mas contidos neles existiam os micro-objectivos, que na sua maioria foram atingidos. Quando tomei posse, em 2003, existiam algumas situações críticas, relativamente às necessidades do Instituto Politécnico de Lisboa para o exercício de um ensino superior de qualidade. Alguns eram problemas fundamentais, no plano das infra-estruturas. Um deles era a inexistência de um edifício para o Departamento da Engenharia Civil do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, absolutamente necessário, uma vez que a sua edificação era uma condição que a Ordem dos Engenheiros tinha colocado para a futura acreditação do Curso de Engenharia Civil. A exigência decorria do facto de o ISEL ter uma relação espaço/aluno exígua e, consequentemente, de o Curso de Engenharia Civil ser fortemente afectado por esta realidade. Esse foi, portanto, um

objectivo atingido, com a construção do Edifício Ferreira Cardoso.

POL. – E havia a situação de precariedade da Escola Superior de Música, não é verdade?

V. F. – Exactamente. A Escola Superior de Música de Lisboa estava e está ainda a ocupar um espaço considerado perigoso para as pessoas que dele usufruem. Era, por isso, importante que pudesse ser dotada de um equipamento que se adequasse a um ensino artístico com dignidade. Também esse é um objectivo que está em vias de resolução, com a passagem da Escola Superior de Música para as novas instalações no Campus de Benfica.

POL. – Qual é a situação, neste momento, do edifício da Escola Superior de Música?

V. F. – O edifício da Escola Superior de Música está praticamente concluído, faltando apenas pequenos acabamentos no seu interior e a construção dos acessos exteriores. Este equipamento vai permitir que, finalmente, a Escola de Música possa expandir as suas actividades e aumentar ainda mais a qualidade do seu ensino que é já hoje um ensino de referência. Vai também permitir que a própria cidade de Lisboa passe a usufruir de um espaço cultural de grande qualidade.

POL. – Mas, para além destes objectivos, existiam outros associados, nomeadamente o problema das instalações do ISCAL e o de uma nova cantina para o ISEL, que ainda não foram concretizados.

V. F. – Certo. E só não foram ainda concretizados, porque houve um corte por parte do Ministério relativamente ao financiamento, que abrangeu uma obra que até já tinha sido adjudicada, como foi o caso da cantina do ISEL. Relativamente ao novo edifício do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Lisboa, foi já concluído o concurso para a execução do projecto de arquitectura, tendo sido ganho pelo gabinete do arquitecto Carrilho da Graça. Esperamos que, após a conclusão do projecto de arquitectura, o Ministério dê o seu aval para podermos avançar com a construção da obra.

POL. – O que o levou a recandidatar-se?

V. F. – A vontade e a motivação para dar continuidade a um trabalho que julgamos muito positivo, que prestigia e qualifica o Instituto Politécnico de Lisboa. Essa foi a principal razão.

POL. – Nas bases programáticas da sua candidatura, refere que o IPL deve apostar na captação de investimento privado, como meio de colmatar o desinvestimento do Estado no Ensino Superior. Quais são as medidas que o IPL poderá aplicar para conseguir esse investimento?

V. F. – Tem-se assistido, nos últimos anos, a um forte desinvestimento por parte do Estado no Ensino Superior, que tem afectado não só a gestão corrente das instituições, mas principalmente o reequipamento das escolas. É o caso, por exemplo, dos

Foi assim em Outubro de 2003...

Eleito pela primeira vez em Junho de 2003, Vicente Ferreira tomou posse do cargo de presidente do Instituto Politécnico de Lisboa em Outubro desse mesmo ano, numa cerimónia bastante concorrida. Ladeado pelos vice-presidentes Fernando Otero e Jorge Martins, o novo presidente anunciou na comunicação aos funcionários, os seus três grandes objectivos: institucionalizar a qualidade, a dignificação e o prestígio do IPL

laboratórios. Esta política não é coerente com a aposta que está a ser feita na internacionalização do Ensino Superior, nomeadamente com a Europa, se quisermos manter um ensino superior de qualidade. Assim, a falta de investimento por parte do Estado só pode ser colmatada com a captação de investimentos privativos, e aí competirá às unidades orgânicas mostrarem capacidade para gerarem o aumento das receitas próprias.

POL. – Fazendo o quê?

V. F. – Apostar, por exemplo, nos cursos de formação ao longo da vida. É uma área de formação que se dirige aos profissionais, que estão dispostos a pagar para complementar ou adequar a sua formação e poderem continuar a ser competitivos no exigente mercado de trabalho actual.

POL. – Estamos a falar de cursos de formação profissional?

V.F. – Não necessariamente. A formação ao longo da vida não tem de ser apenas formação profissional. As escolas deverão ministrar, por exemplo, pós-graduações especializadas dentro das suas áreas de formação.

POL. – Pode dar exemplos?

V.C. –Um engenheiro que se especializou há dez anos não tem o nível de formação que hoje se exige a um profissional da mesma área. Esse engenheiro está actualmente desactualizado, sobretudo se não teve a oportunidade para desenvolver novas capacidades tecnológicas durante a sua actividade profissional. Oferecer um complemento de formação ao nível da pós-graduação, para a utilização de novas tecnologias, onde hoje o domínio da informática é fortíssimo, pode ser uma mais-valia significativa na formação complementar desse engenheiro, permitindo-lhe adaptar-se às exigências actuais do mercado.

POL. – Esses cursos serão extensíveis às oito escolas do IPL?

V.F. – Estes cursos podem ser criados em todas as escolas, porque todas elas se direccionam para as áreas profissionais. Certamente que as escolas artísticas não terão as exigências de mudança que se verificam nas escolas ligadas às tecnologias. Uma área onde as artes poderão apostar é a das formações orientadas para a Terceira Idade, destinadas às pessoas que sempre se sentiram com vocação artística, mas que por diversas razões nunca tiveram a oportunidade de a desenvolver.

POL. – O protocolo assinado entre o IPL e o INATEL vai nesse sentido?

V.F. – Claramente. Mas esse protocolo é mais amplo ainda, incluindo o uso pelas nossas escolas artísticas dos teatros que o INATEL possui. E existem mais fontes onde as unidades orgânicas do IPL podem e devem captar investimento privativo. Podem desenvolver parcerias com a sociedade onde, para além da formação, podemos também desenvolver a investigação aplicada ou apoio tecnológico e artístico especializado. Existe toda uma panóplia de actividades, onde se pode potenciar o aumento da receita do orçamento privativo.

POL. – Parece estar a abraçar aquela ideia, já várias vezes enunciada, da 'revolução tranquila'. É isso?

V.F. – Falemos claro: a solução passa inevitavelmente pela obtenção de meios de financiamento alternativos. O Estado, com as dificuldades financeiras que diz ter, não vai querer continuar a aumentar os orçamentos de modo a financiar um ensino superior que aposte na qualidade. E é perante este dilema, o da falta de recursos financeiros do Estado, que nós temos que repensar a forma de refinanciar as instituições.

POL. – Isso implica não só novos públicos, mas também novos currículos e novos programas.

V. F. – Há toda uma mudança a fazer, mas Bolonha já é isso. A proposta de um novo sistema de Ensino Superior é claramente uma aposta nesse sentido. Bolonha não se resume à mudança do tempo de duração dos cursos. Bolonha tem um objectivo muito significativo, que é a aposta num Ensino Superior que consiga competir com o dos Estados Unidos, que, como todos sabemos, tem uma grande capacidade para se auto-financiar e para criar financiamentos privativos. Isto deve-se à sua orientação para as necessidades da indústria e proximidade com a sociedade. São as grandes indústrias e os grupos sociais os principais financiadores do Ensino Superior nos Estados Unidos, no pressuposto de que este, na sua componente de formação, investigação e de serviços, venha a dar resposta às suas necessidades. Perante a alienação do Estado relativamente ao financiamento das instituições, este terá de ser o caminho que vamos ter que reforçar para garantirmos mais receitas para além daquelas que já captamos. Porque os financiamentos que geramos proveniente da indústria, dos serviços e da sociedade em geral são ainda insuficientes para mantermos um ensino superior de elevada qualidade.

A principal razão para recandidatar-me foi a vontade e a motivação para dar continuidade a um trabalho que prestigia e qualifica o Instituto Politécnico de Lisboa

POL. – Isso pressupõe que todas as escolas estejam viradas para o exterior. Será que todas elas estão prontas para esse desafio?

V.F. – Bem, já todas o fazem, criando ou não fluxos financeiros. O que sucede é que umas têm maiores oportunidades do que outras, mas todas estão já a realizar programas de ligação ao exterior. Cada escola é um caso diferente, e não existe um modelo que se aplique a todas. O modelo de formação ao longo da vida,

"O que nos deve preocupar e o que pretendemos é ministrar um ensino superior de qualidade"

na área das Ciências, por exemplo, não será aplicado na área das Artes. O desenvolvimento tecnológico na área das Ciências é mais acelerado do que nas Artes. O que não podemos é ter um Ensino Superior fechado numa redoma de vidro. Ele tem de estar virado para o exterior. É da responsabilidade de cada unidade orgânica encontrar no seu nicho de intervenção as soluções mais capazes para realizar um ensino ligado à sociedade, motivando novos públicos e sendo ao mesmo tempo capaz de gerar receita adicional. Isso é fundamental para todas as escolas, todas elas terão que fazer um grande esforço para realizar essa aproximação e ligação com o exterior.

POL. – O insucesso escolar tem penalizado a aplicação da fórmula de distribuição do orçamento de Estado para o Instituto, com uma perda de meio milhão de contos. O que terão de fazer as unidades orgânicas para inverter este ciclo?

V. F. – A nossa penalização orçamental tem a ver com dois parâmetros: a formação académica dos docentes, nomeadamente ao nível dos doutoramentos, para a qual temos vindo a desenvolver acções que visam o aumento do número de doutores, e o insucesso escolar dos alunos. O não cumprimento destas duas premissas

Quando os alunos não rendem teremos que perguntar ao professor que esforço é que fez para inverter esta situação

cria-nos, de facto, um prejuízo significativo, em termos de orçamento de estado. Sendo certo que é o insucesso escolar que tem o maior peso nessa perda financeira, teremos que apostar num programa de avaliação interna, induzindo novas práticas pedagógicas que promovam uma maior eficácia de resultados, continuando a garantir um ensino superior de qualidade.

POL. – Há quem considera o insucesso sinónimo de qualidade...

V. F. – Mas não é. Isso é uma visão muito restritiva e ultrapassada. Também aqui, o novo paradigma imposto por Bolonha veio implementar a mudança. Hoje, aposta-se na democratização do Ensino Superior para a formação de quadros que preencham as necessidades da sociedade. Assim, quando os alunos não rendem, teremos que perguntar ao professor que esforço é que fez para inverter essa situação. E se ao aprendente se deve impor métodos de trabalho exigentes, ao professor exige-se um acompanhamento pedagógico apropriado que motive o aprendente de modo a que a maioria tenha sucesso no resultado final da avaliação. O sucesso escolar, neste novo paradigma, só pode originar um ensino superior de qualidade

POL. – A mudança passará também por uma ligação com o ensino secundário?
V. F. – Não. Nós podemos fazer uma ligação ao ensino secundário, nomeadamente através da área-projecto, em que a nossa intervenção se deve resumir no apoio aos alunos, trazendo-os às nossas escolas, mas nunca numa intervenção na matriz do ensino secundário. Não podemos, nem queremos.
POL. – Diz-se muitas vezes que os alunos vêm mal formados do ensino secundário…
V. F. – Isso é uma desculpa para as próprias insuficiências do Ensino Superior. A experiência que tenho, relativamente às formações que se ministram no ensino secundário, é que não são tão más como tantas vezes se quer fazer querer.
POL. – A revisão estatutária do IPL vai trazer mudanças significativas na sua estrutura organizativa. O que irá mudar?
V. F. – Neste momento é difícil saber quais vão ser as grandes mudanças que se irão verificar no Instituto, tanto mais que há regulamentação que ainda não conhecemos. Desde já e relativamente aos órgãos que estão definidos no Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior (RJIES), a mudança não será tanto ao nível das designações, mas muito mais ao nível estrutural. A que mais me preocupa é a que diz respeito à autonomia das instituições. É uma questão que pode ser crucial para o IPL, mas que neste momento não sabemos em que moldes será aplicada.
POL. – Estará em causa a autonomia que o Instituto Politécnico de Lisboa desenvolveu durante os últimos vinte anos, através do modelo que foi criando e desenvolvendo?
V. F. – Não deveria estar, porque o modelo que temos é o que julgamos mais adequado e é um modelo que assume a maturidade democrática das instituições e do país. A nosso ver a autonomia das escolas deve continuar a ser da responsabilidade da própria escola e não de órgãos ou de pessoas externas a ela, pois estes não conhecem os problemas para definir as estratégias. Estamos a falar de oito escolas com matrizes e níveis de desenvolvimento diferentes.
POL. – A autonomia deverá manter-se dentro das escolas?
V. F. – Sim, porque é quem nelas trabalha que conhece os seus problemas.
POL. – E há outras áreas a carecer de regulamentação?
V. F. – Há. As áreas do professor especialista e dos consórcios, que

A falta de investimento por parte do Estado só pode ser colmatada com a captação de investimentos privativos, e aí competirá às unidades orgânicas mostrarem capacidade para gerarem o aumento das receitas próprias

conjuntamente com o aspecto da autonomia seria conveniente que fossem rapidamente esclarecidos. Não faz sentido estarmos a criar estatutos que não definam estas três questões. E acrescento mais uma, que é o regime fundacional. Afinal ainda ninguém sabe qual vai ser a regulamentação das fundações. E isso é importante, porque hoje qualquer opção no sentido de se enveredar por uma Fundação é uma aposta no escuro. Todas estas questões têm que ter uma resposta, para que possamos tomar uma decisão ou desenvolver projectos.
POL. – A política de internacionalização das unidades orgânicas do IPL vão reforçar-se só com os PALOP ou também com a Europa?
V. F. – A nossa relação com a Europa é já feita com cerca de 160 instituições. Mas essa relação deve ter duas dimensões diferentes: a que já existe e que resulta no intercâmbio de alunos e docentes, realizado através dos programas comunitários, e a nova aposta a implementar na componente de investigação. Mas, para a concretização desta última, precisamos de criar estruturas no IPL ou nas unidades orgânicas que sejam capazes de aceder às redes de conhecimento internacionais. Até ao momento, a investigação tem estado ausente do ensino politécnico por vontade política. Apesar disso, o IPL tem avançado com alguns programas de investigação com vista sobretudo à obtenção de doutoramento e pós-doutoramento, recorrendo a financiamento próprio. Os mestrados, recentemente aprovados, poderão ser o ciclo de estudos que precisávamos para o lançamento da nossa participação nas redes europeias de conhecimento.
POL. – Quantos mestrados já temos no IPL?
V. F. – Dezanove. E com eles, podemos, de facto, promover uma relação ao nível do desenvolvimento tecnológico e da investigação com as instituições de ensino superior europeias.
POL. – E qual é a política do Instituto relativamente aos PALOP?
V. F. – O nosso relacionamento com os PALOP tem como base o apoio pedagógico e científico. Eles solicitam-nos a colaboração para a formação de docentes e para a criação de currículos. E o Instituto tem cumprido esse papel muito bem. O IPL é, por exemplo, um parceiro muito relevante da recém-criada Universidade de Cabo Verde. Esta relação com os PALOP é uma questão de estratégia nacional, a nosso ver, fulcral não só para mantermos laços linguísticos e culturais, mas também para criarmos laços económicos. Importa, por isso, que o Estado crie programas específicos de apoio a esta intervenção que até agora não tem havido. O Instituto encontra-se, assim, numa estratégia

de internacionalização importante, apostando no desenvolvimento de relações com o Norte, o que é relevante, mas não descurando o Sul que também é fundamental.

POL. – Que razões levaram o Instituto Politécnico de Lisboa a avançar com a ideia de parceria com a Universidade de Lisboa?

V. F. – A tendência a que se assiste na Europa, ao nível do Ensino Superior, é a de concentração das instituições. Esta tendência é decorrente do grande objectivo do processo de Bolonha, que se traduz na competição com os Estados Unidos na produção de novos conhecimentos, que levem ao aparecimento de novas tecnologias e de novos mercados, para a própria subsistência do desenvolvimento social da Europa. Como é comum dizer-se, a união faz a força, e a dimensão das instituições de ensino públicas portuguesas, universitárias e politécnicas, é diminuta em relação a estes objectivos europeus. Basta comparar as nossas instituições com as de Espanha. Existem 29 estabelecimentos de ensino superior espanhóis, que suplantam em dimensão a maior Universidade Portuguesa. Temos que ser competitivos no espaço europeu, mas antes temos que vencer a competitividade no espaço ibérico sob pena de sermos relegados para um plano secundário em matéria de ensino superior. Actualmente, é reconhecido a nível internacional, que a melhor escola de gestão situa-se nesse espaço ibérico e não é portuguesa. As instituições de ensino portuguesas têm que ter a capacidade de criar sinergias e dimensão para vencer as suas fragilidades. Fragilidades que derivam de sermos um país pequeno, periférico, com fraca dimensão em todas as áreas, entalado pelo mar e barrado por um país gigante. Foi para alterar esta situação que se iniciaram as conversações com a Universidade de Lisboa, com o objectivo comum de gerar uma instituição, cuja dimensão permita ser uma referência europeia no ensino superior e integrar as suas redes de conhecimento.

POL. – Em que ponto está o processo de fusão?

V. F. – A aguardar uma resposta formal por parte da tutela a um documento assinado pelo presidente do IPL e pelo reitor da UL, no qual os signatários manifestavam a intenção das duas instituições se integrarem. Mas, independentemente da resposta, e como este é um projecto muito importante para as duas instituições, nós saberemos, no contexto da revisão estatutária que vamos realizar a curto prazo e com as novas leis em vigor, dar a resposta adequada para que esta parceria se possa manter e desenvolver. Neste momento, e dentro do que permite o Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior, podemos pensar num consórcio como o ponto de partida para uma caminhada conjunta.

POL. – Que outras mais-valias pode o IPL retirar desta parceria?

V. F. – Esta parceria vai permitir que se ganhe um conjunto de valências científicas ímpar no contexto nacional, visto que as áreas leccionadas pela Universidade de Lisboa e pelo Instituto Politécnico de Lisboa são complementares. Este aspecto representará, desde logo, um ganho para os alunos, porque lhes permite uma maior facilidade de mobilidade para a obtenção de créditos em unidades curriculares complementares aos próprios cursos, e um ganho para o país, porque permitirá o aparecimento de áreas de formação emergentes, que não se enquadram apenas nas áreas científicas convencionais, mas que resultam da interdisciplinaridade entre várias áreas científicas.

POL. – E o ensino politécnico vai manter as suas características?

V.F. – Essa é a nossa mais-valia neste processo. Mas, deixe-me dizer-lhe que pessoalmente tenho até muita dificuldade em distinguir o que é ensino politécnico e o que é ensino universitário no contexto nacional, e fico ainda mais confuso quando comparo com o ensino politécnico europeu, que está a mudar de forma generalizada a sua designação para universidades de ciências aplicadas. No caso nacional diz-se que o ensino politécnico é um ensino para as profissões, mas eu pergunto: os cursos de Medicina, Direito, Arquitectura, assim como outros, ministrados exclusivamente nas universidades, não são formações orientadas também para as profissões? E os casos em que as universidades adoptaram cursos tradicionalmente da exclusividade dos politécnicos? A verdade é que actualmente é difícil fazer a distinção entre o ensino orientado para a via profissional ou para a via científica, porque a sociedade europeia deslocalizou ou robotizou os sistemas de produção e hoje os novos modelos de formação têm como base o conhecimento científico em qualquer área do saber, seja ele aplicado ou fundamental. O que nos deve preocupar e o que pretendemos é ministrar um ensino superior de qualidade, orientado para a empregabilidade no contexto europeu, que é transversal ao ensino politécnico e universitário numa base sempre suportada pelo conhecimento e desenvolvimento científico.

As instituições de ensino portuguesas têm de ter a capacidade de criar sinergias e dimensão para vencer as suas fragilidades. A ideia de parceria com a Universidade de Lisboa tem como objectivo o gerar uma instituição cuja dimensão permita ser uma referência europeia no ensino superior e integrar as suas redes de conhecimento.

Nelson Évora: aluno de Publicidade e Marketing

Um campeão do mundo no Campus de Benfica

O campeão do mundo do triplo salto, Nelson Évora, frequenta na Escola Superior de Comunicação Social o 1º ano de Publicidade e Marketing, um curso "muito estratégico, activo e criativo", na sua própria definição. Ali, naquela "escola fantástica" do Campus de Benfica, como começou por conhecê-la, prepara o futuro e a profissão que quer seguir quando deixar o atletismo.

Textos de Paulo Silveiro

ATLETA do Benfica, Nelson Évora tornou-se o primeiro português a conquistar uma medalha de ouro num Campeonato do Mundo de atletismo ao Ar Livre. E o salto de ouro dos Mundiais de Osaka, com 17,74 metros, foi apenas o primeiro dos que pretende alcançar na sua carreira, que ainda mal começou. É para isso que vai continuar a trabalhar, com assumida humildade e prometida dedicação.

O campeão do mundo do triplo salto tem as suas raízes na Costa do Marfim. Foi nessa antiga colónia francesa, para onde os pais (de origem cabo-verdiana) foram viver, que Nelson Évora nasceu, a 20 de Abril de 1984. O pai, contramestre da indústria naval, emigrara por razões profissionais, acompanhada da mulher, que trabalhava em costura.

Quando tinha 6 anos a família mudou-se para Portugal. O casal Évora queria proporcionar aos filhos uma educação mais cuidada e optou pelo espaço da lusofonia. Foi no nosso país que o pequeno Nelson tomou contacto com o atletismo. Aos 7 anos brincava com os filhos do homem que viria a ser o seu treinador: João Ganço, vizinho dos pais. Foi este antigo recordista nacional do salto em altura – o primeiro português a conseguir ultrapassar a marca dos dois metros –, que descobriu o potencial do miúdo de aspecto franzino, que corria e saltava com os seus filhos. "É como se fosse o meu segundo pai:

Foto de Vanessa de Sousa Glória

preocupa-se com tudo o que se passa comigo», diz Nelson Évora.

Passaram-se entretanto 17 anos. João Ganço continua a ser o homem que está por detrás do sucesso de Nelson. Foi ele que o levou para o seu primeiro clube, o Odivelas, que representou até 1995. Seguiu-se o Benfica, de 1996 a 2001; o Futebol Clube do Porto, entre 2002 e 2003, e de novo o Benfica, a partir de 2004, onde alegremente se mantém.

A naturalização portuguesa, em 2002, foi para Nelson Évora como "um processo natural", já que foi em Portugal que se desenvolveu como homem e atleta. «No fundo já me sentia português, a minha cultura é proveniente deste país» – confessa.

Quando Nelson decidiu frequentar o Ensino Superior, uns amigos falaram-lhe de uma "escola fantástica" que existia "ali para os lados de Benfica". Era a Escola Superior de Comunicação Social. Curioso, quis ver como era e pôde confirmar essa ideia na visita que realizou à ESCS, em 2006. Confessa ter ficado desde logo impressionado com o bom ambiente e a capacidade tecnológica da escola.

Optou pela matrícula no curso de Publicidade e Marketing, por ser o que mais se identifica com ele. «Este curso – diz – é muito estratégico, activo e criativo», razão pela qual acredita lhe dará mais hipóteses de sucesso profissional, quando deixar o atletismo.

Ainda no inicio da sua "carreira" de aluno, Nelson assegura que a Escola tem correspondido às suas expectativas e que os professores possuem uma atitude muito activa e interactiva com os alunos. A sua relação com os colegas parece ser excelente. Não é tratado como vedeta, o que lhe agrada bastante. "Eles identificam-me logo, mas dão-me espaço, o que me permite ter uma vida normal dentro da Escola, como qualquer outro estudante».

A condição de *Atleta de Alta Competição* cria-lhe dificuldades, de quando em vez, em conciliar o estudo com o atletismo. «Esta situação de treinar e estudar é nova para mim, mas vou tentar que tudo corra bem, porque percebo que se conseguir conciliar as duas coisas, isso vai ser muito importante para mim» – afirma o atleta.

Em Portugal fala-se muito de futebol e pouco de atletismo, lamenta Nelson Évora, considerando esse facto um sinal de evidente de "falta de cultura desportiva". "Só quando

Foto de Vanessa de Sousa Glória

Nelson Évora à *Politecnia*: " esta situação, de treinar e estudar é nova para mim "

Nélson Évora está constantemente a ser procurado pelas fãs, com pedidos de autógrafos e de fotografias

alguém ganha uma medalha é que os *Media* falam de atletismo", lembra o campeão do mundo, chamando a atenção para o facto de termos já um grupo de atletas que merece, pelos seus bons resultados, melhores condições de treino.

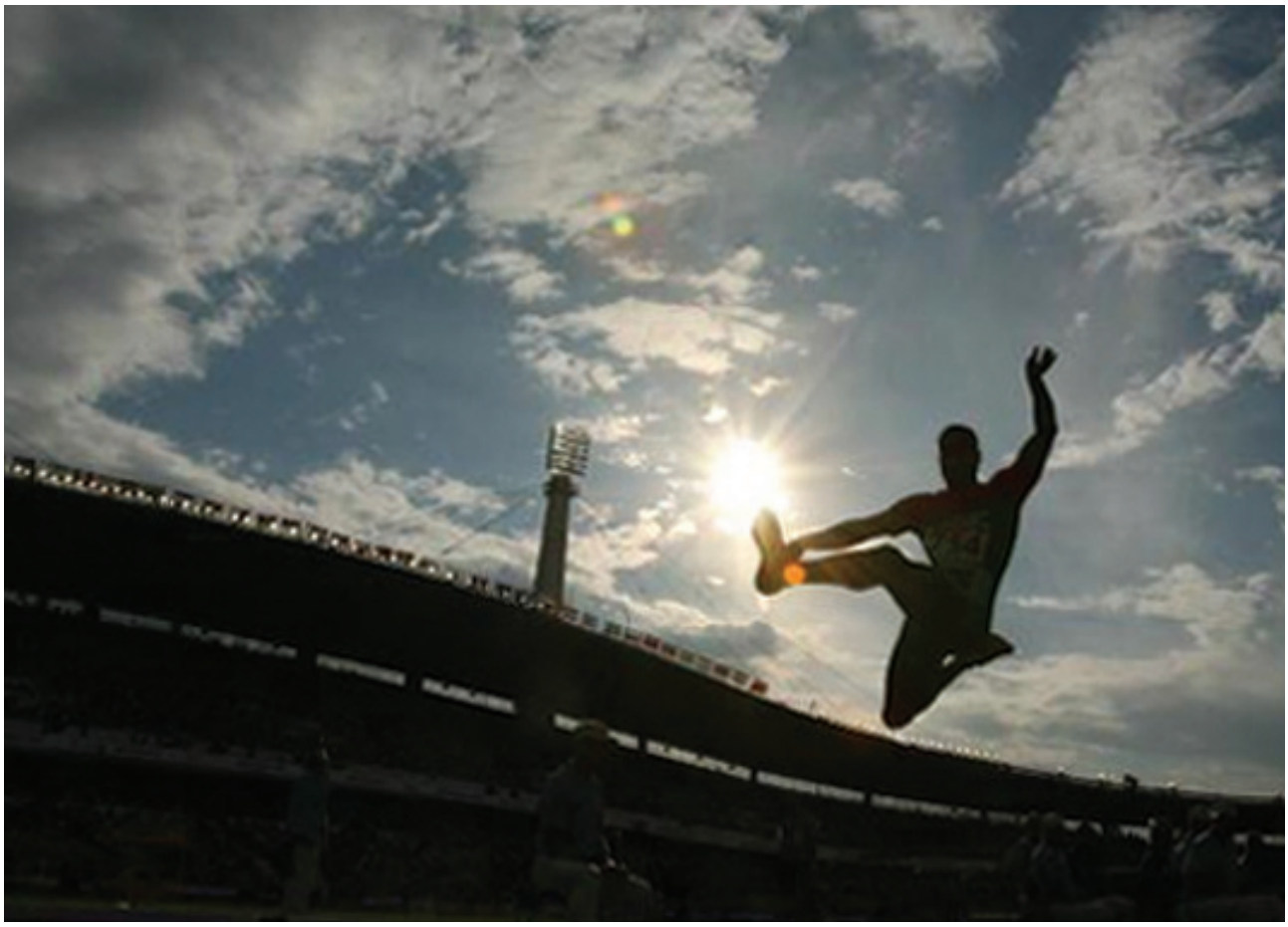
A falta de pistas cobertas, em Portugal, faz com que muitos atletas de topo, como ele, se vejam forçados a treinar alguns meses no estrangeiro. «Nós temos tentado que o atletismo português evolua, mas infelizmente já não será na nossa geração que Portugal terá as condições necessárias para se poder treinar ao longo de todo o ano» – afirma.

Apesar dessas limitações, 2007 foi um ano de ouro para o desporto português, que arrecadou um conjunto de excelentes resultados, surpreendentes para muita gente. O Governo de José Sócrates já reconheceu a lacuna, pela voz do Secretário de Estado da Juventude e do Desporto, Laurentino Dias, que prometeu mandar construir uma pista coberta, durante um jantar de convívio com atletas de várias modalidades. Só falta cumprir a promessa…

De olhos postos em Pequim

O próximo grande sonho de Nelson Évora é alcançar a marca de 18 metros no triplo salto e arrecadar uma boa classificação nos Jogos Olímpicos de Pequim. A longo prazo, quando abandonar o atletismo e já tiver concluído o curso, não rejeita a hipótese de regressar a África e dar o seu contributo para o desenvolvimento daquele grande continente

O exemplo do campeão



A CONQUISTA da medalha de ouro fez de Nelson Évora um exemplo para os mais jovens, principalmente para aqueles que são provenientes de países africanos e demonstram dificuldades de integração. O atleta participou mesmo já num encontro de *Jovens Líderes Descendentes de Imigrantes*, realizado em Évora, em Outubro último. Nessa reunião, promovida pelo programa de escolhas vocacionado para a integração social infanto-juvenil em territórios vulneráveis, o desporto foi encarado como um factor de integração daqueles jovens na sociedade portuguesa.

Patrocinado pelo Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural, o encontro contou ainda com a presença do secretário de Estado da Juventude e do Desporto, Laurentino Dias, que considerou importante olhar para os bons exemplos de grandes atletas, mostrando-os ao país.

Para Nelson Évora estas acções permitem, para além da sua importância social, captar para a prática desportiva jovens, que poderão vir a tornar-se campeões. «Os jovens devem praticar outras modalidades, para além do futebol", aconselha o campeão do mundo, ajuizando que muitos maus futebolistas poderiam ter sido bons atletas.

Seguidor da religião Bahá'í

NELSON Évora e o seu treinador, João Ganço, são crentes e seguidores da religião Bahá'í, uma das mais jovens do mundo, fundada em 1844 na Pérsia (actual Irão) por Bahá'u'lláh,

Filho de um ministro do Xá. Isenta de dogmas, rituais ou clero esta fé assenta na crença da construção de uma civilização global.

Espalhada por numerosos países, incluindo Portugal, esta religião – que exerceu forte atracção sobre figuras conhecidas, como Trotsky e Sarah Bernhardt – coloca o seu fundador em pé de igualdade com Jesus Cristo, Maomé, Buda, Krishna, Zoroastro ou Moisés, considerando rodos eles mensageiros portadores de revelações divinas.

Nelson Évora foi educado na fé Bahá'í, onde aprendeu a seguir princípios básicos: respeito pelo próximo, ausência de preconceitos e gosto pela simplicidade. "A religião faz-me enfrentar a vida, olhando para além dos aspectos quotidianos, a ajuda-me a manter o meu equilíbrio interior" – confessa.

Dançarina e professora

Yolanda, princesa das mil-e-uma noites

Uma longa viagem ao deserto do Sahara mudou a vida de Yolanda Rebelo. Fascinada com a descoberta das danças orientais, trocou a carreira de técnica de política social pela de bailarina de dança do ventre. Há dois anos decidiu aperfeiçoar os conhecimentos na Escola Superior de Dança e hoje exibe-se em espectáculos por todo o país e dá aulas de dança em Lisboa.

Textos de Vanessa de Sousa Glória

Foto de Paulo Siloveiro

A professora Yolanda e um grupo de alunas numa aula de dança de ventre no Estúdio Pró-Dança na Lapa

Surgida nas antigas civilizações suméria, egípcia e babilónica, antes de incorporada no folclore árabe, a Dança do Ventre invocava o culto da maternidade. Ritual religioso, realizado por sacerdotisas, invocava então a preparação das mulheres para se tornarem férteis, exemplificando as ondulações abdominais os movimentos de contracção do parto. Com o correr do tempo adquiriu uma carga erótica e uma representação sensual, que os povos orientais associam ao perfil dos camelos e ao movimento das cobras.

Foto de Paulo Siloveiro

Yolanda à *Politecnia*: "há muitas pessoas a trabalhar nisto sem terem formação"

Yolanda Rebelo deixou-se encantar pelas expressões corporais associadas a esta forma de dança, o que é perceptível na magia com que segue a música e na felicidade com que impregna os movimentos. De entre as várias modalidades que já praticou, foi na dança do ventre que encontrou a excelência da sua expressão artística. Diz que descobriu "naturalmente" uma linguagem corporal que já possuía sem saber.

Aos 32 anos, Yolanda vive agora única e exclusivamente da dança. Concilia a profissão de bailarina com o ensino desta especialidade, lamentando a "concorrência desleal" existente na área. "Há muitas pessoas – diz com mágoa – a trabalhar nisto, que se assumem como profissionais sem terem preparação".

Trabalha sete dias por semana. As aulas particulares, direccionadas para profissionais, são dadas em sua casa, num estúdio que concebeu para o efeito. Ao longo do ano organiza *workshops* de dança oriental destinados a adultos e crianças. Dá regularmente aulas, aos níveis iniciado e avançado, em várias escolas em Lisboa. E, sendo a essência da mo-

Cairo,

NÃO existem dados precisos sobre a origem da "Raks Sharki", a mais antiga dança de que há registo, traduzida em português como Dança do Oriente. No entanto, foi no Egipto onde mais se desenvolveu. Já nos templos das deusas da Antiguidade, as mulheres dançavam em louvor da força da vida. Nas festas dos palácios do Antigo Egipto, as bailarinas dos templos trouxeram a Dança para o espaço público.

dalidade a improvisação, procura sempre que as alunas façam a sua própria interpretação da dança, o que não a impede de criar, também, coreografias para serem apresentadas em espectáculos.

Os movimentos corporais da dançarina do ventre devem interpretar e traduzir as sensações contidas na música. Sedutora e exótica, esta dança, hoje profundamente associada à cultura árabe, continua a não ser vista com bons olhos nos países islâmicos. Adaptada ao estilo de vida e à forma de pensar dos ocidentais, conquistou fervorosos adeptos nesta parte do mundo, a partir do início do Século XX.

Portugal não foge à regra. São várias as razões que levam as portuguesas a experimentar a dança das *Mil-e-uma Noites.* Pela experiência que tem tido, Yolanda não acredita que o façam para agradar a maridos ou namorados, mas para seu próprio usufruto e prazer. As saias vaporosas, os véus esvoaçantes, os lenços coloridos, o tilintar das moedas na cintura e os umbigos à mostra levam intérpretes e assistentes a viagens fantásticas ao Oriente.

Por ela, e através dela, as mulheres sentem-se mais bonitas e *femininas*. É uma dança cheia de mistérios, que Yolanda diz não conseguir explicar inteiramente. Diz-se frequentemente surpreendida com o facto de surgirem no seu estúdio, com alguma frequência, alunas que nunca antes tinham experimentado e que "dançam como se nunca tivessem feito outra coisa na vida".

Atraída desde menina pelo mundo artístico, Yolanda Rebelo pisou pela primeira vez o palco aos 9 anos, num espectáculo de teatro amador onde a avó representava. Aprendeu a tocar flauta e piano electrónico, ao mesmo tempo que frequentava aulas de dança. Os pais, receosos do futuro, não concordavam que seguisse a carreira de bailarina.

Ao terminar o ensino secundário, indecisa sobre o caminho a escolher, fez uma pausa de um ano nos estudos. E uma lesão física, enquanto praticava dança jazz, obrigou-a a optar pelo curso de Política Social no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas. Subitamente, porém, um problema de visão impediu-a de frequentar as aulas. E foi durante essa fase difícil que, farta de estar em casa, fez um workshop de danças oriental e cigana, integrado nas celebrações da Expo'98. A emoção que sentia ao dançar, levou-a a perceber que era aquilo que queria fazer na vida.

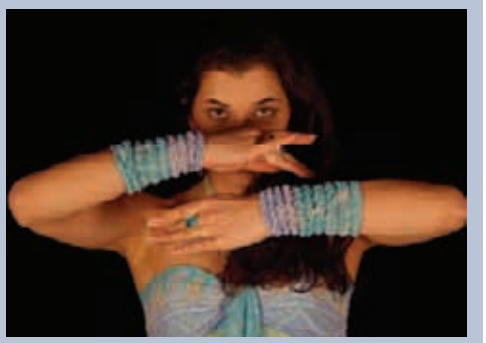
Terminou entretanto o seu curso no ISCSP e até conseguiu trabalho estável no Estado. Mas o "bichinho" pela dança continuava a chamar por ela. Optou por experimentar conciliar as coisas: de dia era Técnica de Política Social; e à noite frequentava aulas no Estúdio Pró Dança, onde hoje é professora. Começou pouco depois a investir na formação dentro e fora de Portugal. Teve aulas com professores

capital internacional da dança oriental

Depois, as ciganas, as ghawazee, as almeias, as escravas e as odaliscas mantiveram-na e deram-lhe o seu cunho pessoal.

Na primeira metade do século XX, a Dança subiu ao palco e popularizou-se no cinema. A partir dos anos 70, bailarinas europeias, norte-americanas e australianas viajaram até ao Egipto para aprenderem esta dança, difundindo-a depois por vários países.

Hoje em dia, o Egipto continua a ser a capital desta actividade. É no Cairo, em hotéis e clubes de cinco estrelas, que se encontram as melhores bailarinas de dança oriental, sempre acompanhadas por grandes orquestras. Algumas são mesmo convidadas a participar em filmes e em peças de teatro, contribuindo para a massificação da oferta e da procura.



de referência, como Prisca Dietrich, Joana Saahirah; Nur Banu; Eva Chacón, Annie Nganou, Shokry Mohamed, Fadua Chuffy, Farida Fahmy; e aprendeu percussão árabe com Américo Cardoso. Viajou por Marrocos e pela Mauritânia, atravessando o deserto do Sahara, sempre com a intenção de aprofundar os conhecimentos sobre dança oriental. Dividida entre a Política Social e a dança, foi no regresso do deserto que decidiu dedicar-se de alma e coração à dança. A partir daí, nunca mais parou.

Agora vai todos os anos no Verão a Buenos Aires, para aprender tango argentino, outra das suas preferências, com a bailarina Paula Lena. Em 2003 foi convidada a dar aulas na Escuela Argentina de Tango em Lisboa e, no mesmo ano, participou na Moda Lisboa com um espectáculo para a colecção "Tango" da estilista Fátima Lopes.

Ao completar 30 anos inscreveu-se na Escola Superior de Dança. A necessidade de aprender mais sobre a sua área, e credibilizar aquilo que fazia no mercado de trabalho, levaram-na a regressar à escola. Foi um ano atribulado. A notícia da doença terminal do pai deixou-a abalada e acabou por interromper as aulas. Mas garante que não desistiu de concluir o curso.

Terapia para todas as idades

Seja qual for a idade, são vários os benefícios físicos e psicológicos que a dança oriental traz a quem a pratica, embora seja ao nível psíquico que ela mais actua. É uma dança terapêutica, que ajuda a aliviar o stress, as mulheres que a praticam – garante quem já experimentou – elevam a sua auto-estima, pela redescoberta que fazem de si próprias. "ainda hoje, à revelia da religião islâmica, as mulheres egípcias se reúnem para dançar, num ritual pagão onde não falta o incenso e os músicos ao vivo. entram numa espécie de transe para se libertarem das tensões", explica a professora.

A nível físico, o trabalho muscular e cardiovascular é muito intenso. A coordenação motora, exigida nos exercícios, ajuda na reeducação da postura do dia-a-dia. Influenciando a forma como as mulheres caminham ou se sentam. E, a somar a tudo isso, a capacidade respiratória e a flexibilidade são melhoradas.

Programa FINICIA

Politécnico apoia alunos que queiram criar empresas

O Instituto Politécnico de Lisboa vai apoiar, através da sua participação no Programa FINICIA, os alunos das suas oito escolas que queiram lançar-se em aventuras empresariais promissoras. Para serem apoiadas, as ideias terão de ser viáveis e conter uma componente de inovação.

Textos de Clara Santos Silva

O INSTITUTO Politécnico de Lisboa aderiu à rede de parceiros do Programa FINICIA, fazendo parte de uma Plataforma que integra o Instituto de Apoio às Pequenas e Médias Empresas e à Inovação (IAPMEI), a Inovcapital, uma participada deste para a área do capital de risco e a Universidade Católica Portuguesa. Cabe a estes parceiros o encaminhamento e acompanhamento dos projectos apresentados no âmbito da Plataforma.

Para a execução do projecto empresarial a apresentar, é disponibilizado no site do IAPMEI um *Guia Prático*. A Plataforma que o IPL integra faz a análise e selecção de ideias para apoio assistido por consultor à elaboração do Plano de Negócios.

O IPL seleccionou já um primeiro projecto. A escolha foi o resultado do lançamento, na Primavera de 2006, de um concurso de ideias. Seguir-se-á a análise e a avaliação da sua viabilidade, para se poder passar, enfim, à elaboração do Plano de Negócios.

O Instituto Politécnico de Lisboa espera muito mais das suas Unidades Orgânicas. O Instituto Superior de Engenharia de Lisboa tem sido a escola que melhores resultados tem conseguido na ligação ao mundo empresarial, pela sua dimensão e características. O ISEL associa, por regra, temáticas empresariais aos programas e projectos de fim de curso, muitos deles com ideias inovadoras.

Pedro Pinto Coelho, interlocutor do IPL na plataforma FINICIA, garante que a ambição de envolvimento da instituição é grande, apesar dos constrangimentos ainda visíveis, principalmente no que diz respeito à receptividade e resposta por parte das seis escolas e dois institutos superiores na apresentação de projectos candidatos.

Foto de Pedro Pina

Pedro Pinto Coelho é o coordenador do projecto no Instituto Politécnico de Lisboa

O economista e chefe de serviços do IPL lembra que o FINICIA não passa por um financiamento a fundo perdido, mas por uma aposta no factor

FINICIA
Negócios emergentes de pequena escala
Dê rumo
ao seu projecto
Temos soluções
para financiar
a sua start-up
IAPMEI
www.iapmei.pt
Ministério da Economia
e da Inovação
prime

inovação. A sua estratégia passa por imprimir, em 2008, mais dinamismo ao programa, nomeadamente na formação e informação de docentes para que estes mais facilmente possam junto dos seus alunos impulsionar a plataforma. Estão também em estudo mais iniciativas, tais como a realização de workshops no ISEL, como forma de divulgação e aproximação ao público-alvo. A Junior Empresa é uma das acções já em curso, cujas semelhanças com a Plataforma leva a que se pense em estabelecer uma ligação entre ambas.

"A vontade de abraçar a questão da empregabilidade é ponto assente", garante Pedro Pinto Coelho, reconhecendo porém que a falta de pessoal limita a construção de mecanismos mais facilitadores para tratamento desta temática. Seria por isso muito benéfico para o IPL, em sua opinião, a criação de um Gabinete de Apoio ao Empreendorismo, direccionado para a realização de projectos, e que constituísse um pólo dinamizador das suas unidades orgânicas nestas matérias.

Assim, quem tiver uma ideia ou um projecto empresarial e quiser lançar-se por conta própria, deverá dirigir-se à Plataforma FINICIA integrada pelo IPL, que pode contactar através do correio electrónico de Pedro Pinto Coelho: ppcoelho@sc.ipl.pt. Num tempo em que os empregos já não são para toda a vida, a opção de criação de um negócio torna-se cada vez mais um projecto aliciante e que vale a pena considerar.

O encanto dos cogumelos

NEM todos os projectos do FINICIA têm obrigatoriamente de possuir uma forte componente de inovação. Na realidade, muitos têm a ver apenas com novas abordagens de mercado ou detecção de falhas de oferta de serviços.

É o caso da Micoplant, empresa criada no âmbito do Eixo II do Programa, primeiro projecto de micro-capital de risco a nível nacional, na área da biotecnologia aplicada à indústria agro-florestal.

A Micoplant – Micologia Aplicada, Lda, resulta de trabalhos de investigação desenvolvidos no âmbito da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, e actua no sector da cultura de uma especialidade de fungos 'micorrízicos', que servem como optimizadores do crescimento saudável das plantas.

A empresa criada foi a primeira empresa portuguesa a produzir e explorar directamente este tipo de produto, e combina também uma gama de serviços de acompanhamento e gestão de recursos, totalmente adequados às necessidades do sector.

A empresa possui quatro áreas de negócio: produção, transformação e embalagem de micorrizas para explorações florestais e agrícolas; produção, transformação e embalagem de cogumelos específicos para a grande distribuição e para retalho especializado (nas variedades de cogumelos biológicos, cogumelos silvestres e cogumelos em troncos); serviço de consultoria a explorações florestais para a exploração do recurso micológico; e preparação e venda de kit's de produção doméstica de cogumelos.

Actualmente com seis trabalhadores e boas perspectivas de crescimento, a Micoplant prepara-se agora para a entrada no mercado e espanhol.

Criar uma empresa em Portugal é agora muito mais fácil

O PROGRAMA FINICIA do IAPMEI, de que o Instituto Politécnico de Lisboa é parceiro dinamizador, facilita o acesso aos mercados financeiros e oferece ainda um conjunto de informação e apoio aos empreendedores, com bons projectos, que queiram lançar-se por conta própria.

O objectivo do programa é facilitar o acesso ao financiamento de empresas em fase de arranque, que tradicionalmente apresentam maiores dificuldades relacionar-se com o sistema financeiro.

Através de uma extensa rede de parcerias no terreno, que congrega já perto de duas centenas de entidades, e agrega todas as universidades públicas e institutos politécnicos portugueses, o Programa Finicia desenvolve um conjunto de actividades que permite aos empreendedores criarem e desenvolverem os seus projectos empresariais, recorrendo à modalidade de financiamento mais adequada, de acordo com as características do seu projecto.

O FINICIA é suportado em mecanismos de partilha de risco, do Estado com entidades financiadoras, que promove o financiamento de projectos empresariais durante a fase de criação da empresa ou durante os três primeiros anos de actividade. Destina-se a projectos nos sectores da indústria, comércio, turismo, serviços, construção, energia.

Os instrumentos financeiros de suporte são capital de risco, micro-capital de risco e crédito e micro-crédito, suportados em garantia mútua, que podem ser utilizados separadamente ou em soluções combinadas.

O objectivo do programa é facilitar o acesso ao financiamento de empresas em fase de arranque, que tradicionalmente apresentam maiores dificuldades relacionar-se com o sistema financeiro

O programa está estruturado em três eixos. O primeiro contempla projectos de forte conteúdo de inovação, para financiamento por capital de risco ou produtos combinados de capital de risco e de crédito. São privilegiadas actividades emergentes de forte potencial de crescimento e com necessidades de financiamento até 2,5 milhões de euros.

O seu eixo abrange negócios emergentes de pequena escala, para financiamentos por micro-capital de risco ou por crédito, e ainda soluções combinadas de capital de risco e crédito, com soluções diferenciadas para projectos até 250 mil euros.

O terceiro eixo contempla iniciativas empresariais de interesse regional, para actividades ou projectos empresariais de relevância local em municípios aderentes ao FINICIA. As soluções são variáveis em cada município aderente.

Para além da intervenção no financiamento, o FINICIA oferece ainda apoio à execução de planos de negócio para ideias de negócio com carácter inovador, acompanhamento de projectos aprovados com carácter inovador e, em situações específicas, financiamento de "coaching" ou ainda apoio à incubação de novas empresas.

É assim que se fazem as empresas

Engenheiros do ISEL criam pólo tecnológico

Entusiasmado com os resultados da investigação que desenvolveram num grupo académico de pesquisa, no ISEL, dois jovens engenheiros criaram nas Caldas da Rainha, onde nasceram, um pólo tecnológico de excelência. Makewise, a empresa criada em 2003 por estes dois jovens empresários – Pedro Manuel e Gonçalo Abreu – funciona com grande sucesso na área dos serviços e com elevado grau de inovação.

Texto de Paulo Silveiro • Fotos de Vanessa Glória

Pedro Manuel e Gonçalo Abreu, usando os conhecimentos académicos, criaram a sua própria empresa

ACTUALMENTE com 34 anos, Pedro Manuel entrou para o Instituto Superior de Engenharia de Lisboa para tirar o bacharelato em Electrónica e Telecomunicações, mas acabou por querer mais. Já em situação pós-laboral prosseguiu os estudos, concluindo em 2000 a licenciatura de Informática e Computadores.

Já nessa época Pedro Manuel tinha ideias próprias sobre a comercialização de produtos da tecnologia informática, que por dificuldades várias, relacionadas com o mercado de trabalho, se afiguravam difíceis de pôr em prática. A oportunidade surgiu no ISEL, quando exercitava com o seu actual sócio, Gonçalo Abreu, uma das parcerias tecnológicas que o Instituto mantém com empresas. A spin-off académica tinha como objectivo levar o grupo de pesquisa a sugerir a formas de comercialização dos produtos conceptualizados.

Inicialmente só com os dois jovens parceiros, a Makewise começou a desenvolver projectos que, sendo bem sucedidos, lhes permitiram crescer, e ser hoje uma empresa com onze empregados, 99% dos quais engenheiros informáticos. O volume de negócios anual atinge já os 500 mil euros.

A Makewise está hoje integrada no grupo empresarial Sousa Pedro. Esta foi uma aposta na internacionalização e na consolidação da empresa, permitindo-lhe ter o apoio de um grupo com mais de 20 anos de experiência no mercado nacional e internacional.

O futuro apresenta-se risonho para estes dois jovens empresários. As parcerias celebradas com o ISEL

e com a Universidade de Coimbra permitem-lhe crescer. Perspectivando o aumentando das equipas de trabalho está já em estudo a migração das instalações para o futuro Parque Tecnológico de Óbidos.

A aposta na localização da empresa na região Oeste não tem só um lado sentimental e afectivo. Prende-se também com os baixos custos operacionais da cidade das Caldas da Rainha, relativamente a Lisboa. Os preços das infra-estruturas e o nível dos salários são mais baixos do que na capital.

A actividade da Makewise assenta em duas grandes áreas: a parceria com o ISEL e o desenvolvimento dos chamados "Projectos Web".

A primeira área preocupa-se com o desenvolvimento das ideias provenientes da parceria com o ISEL, realizando o lançamento dos produtos e acompanhamento no mercado. Esta parceria está englobada na rede de inovação da Brisa, o que a torna um dos alicerces da Makewise. Um bom exemplo de produto resultante desta rede é o reconhecimento automático de matrículas, que consiste num módulo de software que já se encontra instalado na maioria das vias verdes, das redes das auto-estradas da Brisa e do Atlântico. O sistema permite a identificação dos veículos, que passam irregularmente na via verde, através de uma foto da matrícula.

A empresa já possui, hoje, 11 empregados

A outra grande área de actividade está vocacionada para o desenvolvimento de projectos Web, na área nomeadamente das tecnologias de gestão de portais. O exemplo de maior sucesso foi o desenvolvimento do portal do município de Óbidos. Esse projecto veio dar origem a uma proposta mais ambiciosa, lançada pela Associação de Municípios da Região Oeste, para a implementação de um portal que englobasse a maioria dos seus associados. A makewise ganhou o concurso e assim, em 2007, nasceu o Oeste Digital. A tecnologia desenvolvida pela empresa permite a gestão de um portal regional que impulsiona a participação e o relacionamento entre as autarquias, os cidadãos, as empresas e as entidades da sociedade civil a nível regional, desenvolvendo a generalização da sociedade da informação na Região Oeste.

A importância de ter sido aluno do ISEL

A cultura do ISEL terá sido decisiva na formação pessoal e profissional do Eng.º Pedro Manuel, segundo o próprio reconhece. O Instituto Superior de Engenharia de Lisboa proporcionou-lhe uma visão muito prática das coisas, através de uma formação sólida, que transmite aos alunos a confiança necessária para alcançarem o sucesso na vida profissional.

Essa ligação umbilical ao ISEL foi reforçada em 2004, com a assinatura de um protocolo que veio formalizar a relação que sempre existiu entre a Makewise e o Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. O empresário considera que nesta área de negócios é muito importante manter o contacto com o meio académico, porque é lá que reside o "saber" que a empresa pode comercializar. No fundo, pretende-se estabelecer a ligação entre a componente académica, mais vocacionada para a investigação, e o mercado empresarial, potencial utilizador das soluções tecnológicas.

Um bom exemplo das sinergias que esta parceria pode criar, é a disponibilização da plataforma Web, utilizada no site Oeste Digital, ao ISEL, para que possa ser analisada e utilizada por alunos que a façam evoluir no meio académico. O resultado será uma versão mais avançada dessa tecnologia, que a Makewise poderá mesmo vir a comercializar.

Viagens aos museus de engenharia

A face oculta do ISEL

Instrumentos científicos e equipamentos com mais de 100 anos, constroem a "cultura material da ciência" depositado no Instituto Superior de Engenharia de Lisboa. Fruto do seu longo percurso no ensino da engenharia, longe de olhares indiscretos, esconde-se uma narrativa histórica que tenta a muito custo ser preservada pelos que amam a ciência.

O INSTITUTO Superior de Engenharia, a mais antiga escola de engenharia do país, esconde tesouros que muitos desconhecem, em parte herança do antigo Instituto Industrial de Lisboa. Na imensidão dos seus edifícios, salas e laboratórios, podem encontrar-se instrumentos científicos que serviram de base ao exercício e ensino da engenharia desde há mais de um século. Ainda assim, a constante evolução tecnológica parece apagar a memória de outros tempos, mas como muitos dirão, não é possível preparar o futuro sem estudar e compreender o passado. Assente neste modelo de ensino, alguns docentes mais apaixonados pela história e evolução da ciência, têm concentrado esforços, no sentido de reunir todo o material científico e histórico encontrado, classificando-o e catalogando-o.

A criação do Serviço de Documentação e Publicações, e do seu núcleo de Museologia, foi mais um passo do ISEL na preservação da sua história. Inteiramente dedicado à tarefa de fazer respirar o que até aqui se encontrava na escuridão, este serviço trabalha em conjunto com o corpo docente no sentido de criar condições de protecção, estudo e divulgação dos bens culturais da instituição.

A falta de espaços apropriados, e o facto de muitas das peças revelarem um desinteresse de décadas aumentam o desafio. A divulgação de todo este espólio à comunidade iseliana e ao público em geral será o culminar de um trabalho árduo, que poderá constituir mais uma referência no campo pedagógico e do património museológico.

Colecção do Museu de Física do

O lado mais comum

Fonte dupla de Héron

Balança de cereais

Modelo de uma nora

Pesa cartas

A colecção do Museu de Física do ISEL é constituída por um vasto espólio de instrumentos, com cerca de 250 peças, de inquestionável interesse histórico e científico. Desprovida de espectacularidade, ela mostra, no dizer de Henrique Leitão "o lado mais comum da prática científica", sóbria e séria, ajudando a compreender princípios fundamentais.

Texto de Catarina Leal e António Jorge Silvestre

A ÁREA Científica de Física do ISEL, com o objectivo de divulgar este espólio, herdado do Instituto Industrial de Lisboa, a um público mais vasto e a todos os potenciais interessados, tem vindo a realizar diversas iniciativas.

Durante as comemorações dos 150 anos do Instituto Industrial de Lisboa, em 2002, foram expostos alguns dos instrumentos da colecção do museu. E no ano seguinte deu-se início ao processo de catalogação dos instrumentos ali reunidos, tendo como ponto de partida o antigo inventário dos Anos 50.

A catalogação foi feita, tendo em conta o ramo específico da Física em que se insere cada instrumento, o fabricante, o seu estado de conservação, os materiais constituintes e respectivas dimensões. Para cada instrumento foi elaborada uma ficha descritiva do seu modo de funcionamento. Os instrumentos foram agrupados nos ramos da física Acústica (Calor e Termodinâmica e Capilaridade), Electromagnetismo, Hidrostática e Hidrodinâmica, Mecânica e Óptica.

O Catálogo do Museu foi editado em CD-Rom no ano de 2005 e colocado na página Web do ISEL. A sua apresentação foi feita em sessão pública, durante o ciclo de conferências do Ano Internacional da Física, realizado no ISEL em Novembro. Nesse catálogo mostram-se cerca de 130 instrumentos, seleccionados da totalidade do acervo, que se distinguem pela sua aplicação e pelo princípio físico que descrevem, bem como pela sua beleza.

A colecção tem estado presente, nos dois últimos anos, em diversas sessões de divulgação e em conferências no âmbito da museologia e história da ciência.

O Instituto Superior de Engenharia de Lisboa é a mais antiga escola de engenharia em Portugal. Foi em pleno século XVIII, período iluminista profundamente marcado pelo progresso e modernidade na ciência, que o Marquês de Pombal introduziu em Portugal profundas políticas reformadoras, em diversas áreas, entre as quais a da educação. É neste contexto que é criada, em 1759, a Aula do Comércio, marco fundador do ensino técnico-profissional em Portugal.

Posteriormente, no início do século XIX, a par de outras escolas profissionais, surgiram os cursos técnicos ministrados no Conservatório de Artes e Ofícios, fundado em Lisboa em 1836, na vigência de Passos Manuel, e no Conservatório Portuense de Artes e Ofícios, fundado em 1837.

O Instituto Industrial de Lisboa (IIL), precursor do actual Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, foi criado por Fontes Pereira de Melo em 30 de Dezembro de 1852 durante o reinado de D. Maria II, que assinou o decreto régio, sofrendo ao longo da sua história diversas transformações.

O IIL surgiu para dar resposta à necessidade de se criarem novos cursos e novas aprendizagens, que acompanhassem os avanços introduzidos pela Revolução Industrial, É o caso da introdução da máquina a vapor e do desenvolvimento d novos processos químicos na indústria.

Entre os primeiros docentes que leccionaram no Instituto Industrial de Lisboa destacam-se Francisco da Fonseca Benevides,

Instituto Superior de Engenharia

da prática científica

Electroscópio met. de Peltier

Parafuso de Arquimedes

Bússola tangencial

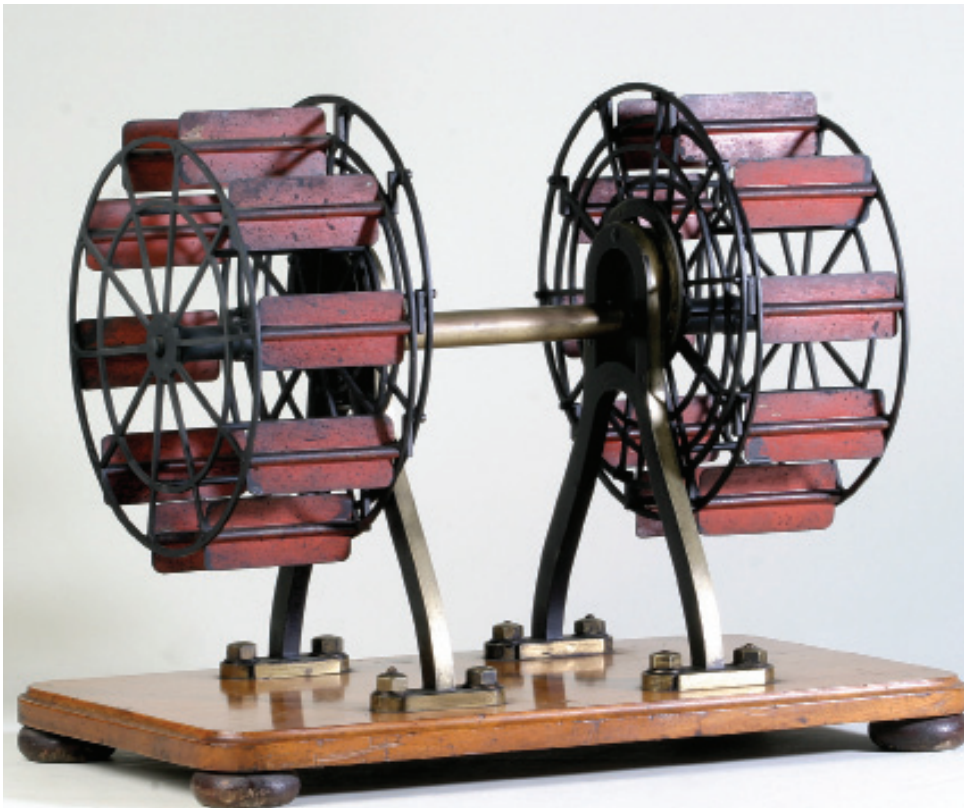
Bobina dupla de Faraday

nomeado lente da cadeira de Física em 1854, e o seu contemporâneo António Augusto de Aguiar, nomeado lente de Química no mesmo instituto. Fonseca Benevides foi autor de numerosas publicações técnicas e científicas, nomeadamente na área de Física, e a ele se deve a organização do Museu Tecnológico do IIL, com a criação de um Gabinete de Physica.

No Catálogo das Colecções do Museu Tecnológico de 1873, Fonseca Benevides chama a atenção para as máquinas, engrenagens e mais "combinações cinemáticas" e, ainda, para o "material necessário para o ensino da mecânica e da física". Ainda hoje se podem encontrar, em compêndios de sua autoria, memórias descritivas de alguns destes instrumentos.

Os documentos existentes sobre a participação do Instituto Industrial de Lisboa na Exposição Universal de Paris, de 1900, revelam a notável dimensão do seu espólio laboratorial na época. Francisco Dias da Costa escreveu, na sua mémoire, sobre o Instituto Industrial e Comercial de Lisboa (designação entretanto adoptada) apresentada na mostra parisiense: "Il est toujours une installation remarquable par la richesse et le bon choix de ses instruments et autres éléments d'étude, quei rendent les leçons du professeur Benevides un des cours les plus attrayants de l'Institut". Uma grande parte deste acervo chegou até nós, sendo o ISEL o sua actual detentor.

O Instituto Industrial de Lisboa passou a ter estatuto de ensino superior, com a denominação de Instituto Superior de Engenharia de Lisboa, a 31 de Dezembro de 1974, por Decreto publicado na folha oficial. E em 25 de Outubro de 1988 passou a fazer parte da rede de estabelecimentos do Instituto Politécnico de Lisboa.



Rodas de pás articuladas

Peças do Laboratório de Topografia

Tesouro com mais de

Bússola

Carta Militar

Taqueómetro da Kern

Aliedade Kern & Lie Aaran

O Laboratório de Topografia do ISEL, integrado no Departamento de Engenharia Civil, reúne e conserva um espólio de equipamentos e materiais, alguns com mais de 100 anos, de inestimável valor. Uma boa parte deles resulta de substituição por novos equipamentos, fruto da contínua evolução tecnológica, havendo outros que foram oferecidos por terceiros.

Texto de Armando Martins e Henrique Miranda

ESTE património conta com equipamentos diversos, utilizados nos mais variados trabalhos realizados em Topografia e Cartografia, nomeadamente teodolitos, níveis, barómetros, alidades, bússolas, cadeias, cadernetas, campilómetros, cartas, círculos de alinhamento, compassos, declinatórias, duplos decímetros, escalas de madeira, esquadros cilíndricos, esquadros do agrimensor, esquadros de espelhos, esquadros de madeira, fitas de aço, grafómetros, Cartas de Portugal em relevo, metros-padrão de metal, miras, nónios curvilíneos e rectilíneos, pantógrafo, podómetro, planímetro, etc.

Algumas peças merecem particular atenção. É o caso do *Alidade da Kern & Cie* proveniente de Aarau, Suíça, datada do século XX. Este equipamento é um instrumento utilizado em diversos trabalhos topográficos. A data de aquisição não é conhecida. Contudo, este equipamento foi adquirido pelo valor de 400$00.

O *Teodolito da Troughton & Simms*, de Londres, Inglaterra, foi produzido em meados de 1870. Este instrumento era utilizado em trabalhos de geodesia e de topografia e permitia a medição de ângulos verticais e horizontais, podendo também ser utilizado para determinar as coordenadas celestes horizontais. A data de aquisição não é conhecida. Foi adquirido pelo valor de 400$00.

O *Nível "Egault" da Secretan*, de Paris, França, foi produzido em meados de 1866. Este instrumento era utilizado em trabalhos simples de topografia, como

Restituidor

do Instituto Superior de Engenharia

cem anos de História

Teodolito Troughton & Simms

Teodolito Fennel Fassel

Transferidor de madeira

Fitas de Aço

gerar um plano horizontal de referência, para calcular os desníveis entre pontos. A data de aquisição também não é conhecida. Foi adquirido pelo valor de 300$00.

O *Nível da Otto Fennel*, de Cassel, França, foi produzido em meados de 1930, para ser utilizado em trabalhos simples de topografia, como nivelamentos. A data de aquisição não é conhecida. Foi adquirido pelo valor de 450$00.

O *Taqueómetro da Kern* proveniente de Aarau, Suíça, foi produzido por volta do início do século XX. Este instrumento era utilizado em levantamentos topográficos (para grandes escalas), com o qual se medem distâncias com o auxílio de uma estadia, e que consiste num instrumento para avaliar a distância que vai do observador a um ponto afastado, de precisão e se avaliam ângulos e relevos. Este equipamento é em todo semelhante ao teodolito, derivando deste. A data de aquisição não é conhecida. Foi adquirido pelo valor de 500$00.

A cartografia, ciência que trata da concepção, produção, difusão, utilização e estudo de mapas, encontra-se no curso de uma longa e profunda evolução. Essa evolução, iniciada em meados do século passado, é certamente a mais importante depois do seu renascimento, que ocorreu nos séculos XV e XVI. A introdução da fotografia aérea, o avanço tecnológico nos métodos de gravação e impressão e, mais recentemente, o aparecimento e vulgarização dos computadores, vieram alterar profundamente a forma como os dados geográficos são adquiridos, processados e representados. E veio alterar também

Estação total laser

o modo como os interpretamos e exploramos.

O Laboratório de Topografia orgulha-se de conservar também um pouco da História da Cartografia. Integra no seu espólio um *Restituidor da Wild Heerbrugg* (estereoscópio clássico) de 1966, proveniente da Suiça e um mais recente *Estereo-restituidor da Zeiss*, que se calcula ser da década de 90, uma vez que já funciona com o auxílio de um computador. Estes equipamentos eram utilizados na fotorestituição, para elaboração de cartografia por intermédio de pares fotogramétricos sobrepostos longitudinalmente e transversalmente.

Outra parte do património que o Laboratório de Topografia conserva com grande orgulho no seu espólio são *94 Cartas*, que datam do século XIX. Entre elas contam-se cartas "da província de Angola", de Lisboa e Arredores, de Portugal e de diversas zonas de Portugal Continental e Insular. Estas cartas apresentam a característica de ainda serem feitas em tecido e desenhadas à mão. Considera-se que deverão existir muito poucos exemplares deste tipo, à excepção das cartas existentes no Instituto Geográfico Português.

Nos dias de hoje não se pode falar em topografia vectorial, fundamental para "alimentar" programas de cálculo automático, em especial na área de Vias de Comunicação, sem visualizar cartas militares, algumas datadas do séc. XIX e suportadas não em papel… mas em tecido. E como referir equipamentos cuja tecnologia assenta na utilização de satélites, vulgo GPS, desconhecendo a bússola?

Os sabedores concordarão que falar em estações totais, que permitem de forma automática a caracterização do terreno, implica conhecer os antigos teodolitos. Do mesmo modo que referir equipamentos de nivelamento por sistemas de laser, passa por referir os antigos níveis de bolha, ou mesmo o fio-de-prumo. E como referir máquinas de calcular, PDAs e computadores portáteis, que permitem realizar cálculos de forma rápida e eficaz, sem conhecer uma régua de cálculo?

Museu: precisa-se!

EMBORA já fossem conhecidas várias peças, consideradas como "peças de museu", foi com a mudança de instalações para o novo Edifício Ferreira Cardoso, em Março de 2006, que foi possível "trazer à luz do dia" outros equipamentos. Eram peças que até aí, fruto da exiguidade do espaço, e talvez de algum desinteresse ou falta de iniciativa, se encontravam nas "caixas das arrumações".

Da observação dos equipamentos conhecidos e dos que entretanto foram descobertos, ressaltou a necessidade de proceder à sua catalogação e classificação. Esse trabalho decorre actualmente, com maior ou menor dificuldade. E a equipa actualmente afecta ao Laboratório de Topografia propõe-se concluir a tarefa, com o apoio de alguns alunos.

No sentido de assegurar a "vida" destas peças e alargar o seu leque, é fundamental que as mesmas sejam colocadas em espaço aberto, de forma a poderem "respirar "e serem observadas pelos alunos, corpo docente, funcionários e visitantes.

Cumprir a missão passa, obrigatoriamente, pela criação de condições, que permitam a colocação e exposição permanente das peças. Isso poderá levar, não pela existência de "pequenos museus" no Departamento de Engenharia Civil, mas sim à criação de um Museu do Departamento de Engenharia Civil.

Trata-se de uma tarefa que exige, por parte da Instituição a disponibilização de espaço, vitrinas e armários expositores. E por parte da componente humana, onde se incluem alunos e corpo docente, disponibilidade, paciência e vontade. A sua concretização será certamente enriquecedora e altamente gratificante, dado o facto de contribuir para a criação de uma porta aberta para o futuro e constituir mais um centro de aprendizagem.

A.M. e H.M.

Músico, intérprete, fotógrafo, cineasta

David Fonseca superstar

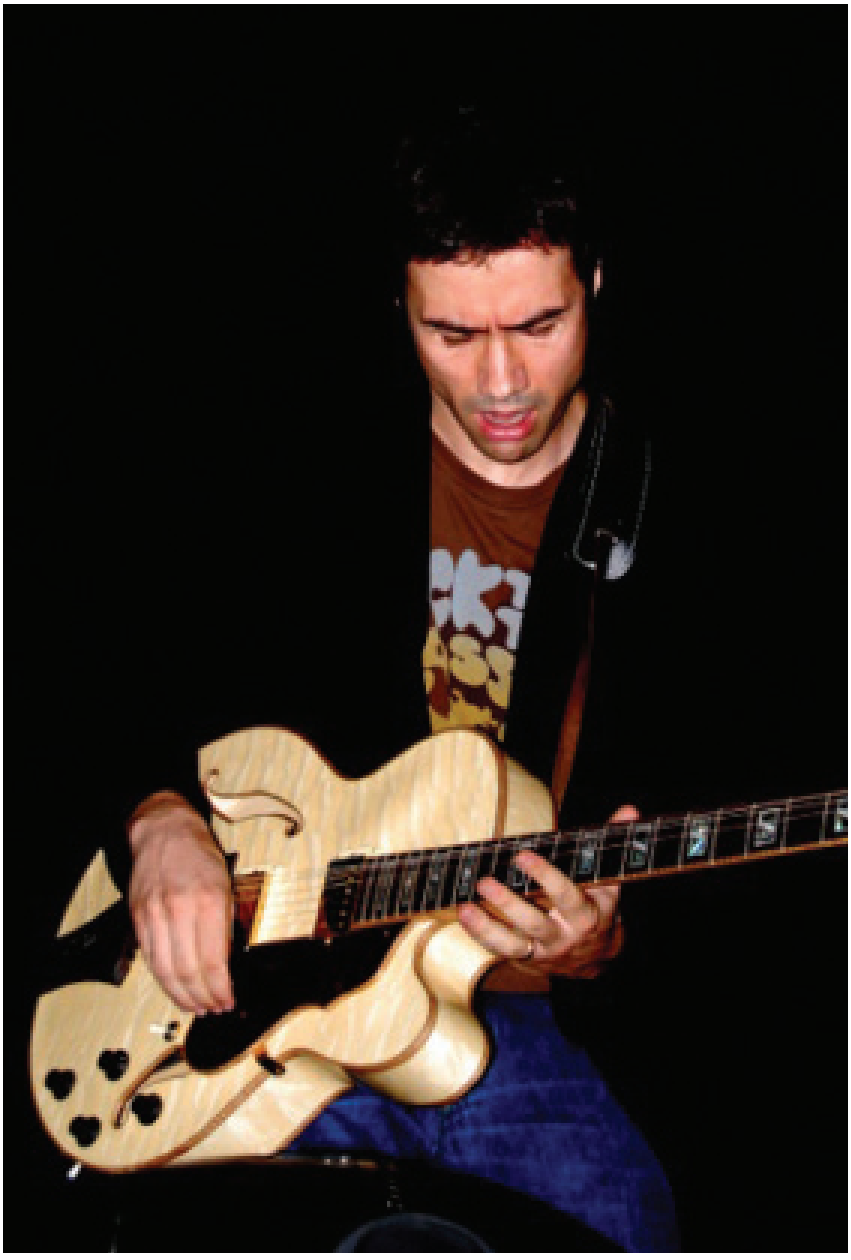
É um dos maiores fenómenos do *showbizz* dos últimos tempos. Chama-se David Fonseca e revela talentos não só no território da música mas, também, nos campos experimentais e criativos da fotografia e do cinema. A especialização em imagem que obteve na Escola de Teatro e Cinema permite-lhe, aos 34 anos, assinar a realização dos videoclips que cria para as suas próprias composições. Um caso sério de sucesso.

Textos de Vanessa de Sousa Glória

TÍMIDO por natureza, David Fonseca encontrou na música uma forma de se exteriorizar. Depois do êxito alcançado como vocalista dos "Silence 4", a banda que tocou para 50 mil pessoas no encerramento da Expo '98, dedicou-se a uma carreira a solo. E o seu mais recente trabalho – *Dreams in Colour* – tornou-se em pouco mais de um mês disco de ouro.

O *caixa de óculos*, como era conhecido na escola, nunca se viu no papel de estrela e ainda hoje tem confessa um certo embaraço em assumir essa condição. Fundou a sua própria banda sem outro fim em vista que não fosse o experimentalismo, como se tudo não passasse de um *hobbie*. Mas subitamente tudo mudou, com o inesperado sucesso, em 1998, dos "Silence 4". Ele e os seus três amigos de Leiria eram perseguidos na rua pelos fãs. Deixaram de poder viver descontraídos, como antes, e uma simples ida a um supermercado tornou-se uma aventura.

O grupo percorreu praticamente todos os palcos do país, realizando concertos que atraíam multidões. Três anos depois, porém, a banda decidiu parar e David Fonseca iniciou uma carreira a solo. Pelo caminho, um outro inesperado sucesso haveria de mexer com ele: a participação no projecto dos "Humanos" onde, ao lado de Camané e Manuela Azevedo, deu voz a temas inéditos de António Variações. Desta vez cantando em português, foi chamado a participar em espectáculos



memoráveis nos Coliseus de Lisboa e Porto e no Festival do Sudoeste.

Na nova aventura discográfica, lançada em Outubro do ano passado, o músico mostra ao público novas facetas de compositor, intérprete e realizador dos seus próprios videoclips. "Dreams in Colour" é o terceiro álbum de originais a solo.

David Fonseca adora desafios, mas confessa que seria incapaz de fazer *bungee jumping* por sua iniciativa, mas apenas com fim artístico. Casado e já pai de um rapaz, confessa que não é fácil conciliar a profissão com a família, adiantando no entanto que já não se imagina a viver de outra maneira.

Filho de um empregado bancário e de uma professora primária, David Fonseca estava longe de imaginar a carreira de sucesso que iria ter pela frente. Frequentou a escola secundária em Leiria, a cidade onde nasceu, mas escolheu Lisboa para fazer os estudos superiores. Desiludido, abandonou, a meio do segundo ano o curso de Design Gráfico da Faculdade de Belas Artes, seguro de que não era aquilo que queria estudar. No ano seguinte, inscreveu-se em cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema, onde se apaixonou pela fotografia e ficou rendido a todas as disciplinas relacionadas com a imagem. No processo de selecção, escreveu a *História de uma Bailarina*, envolvida num acidente de aviação, e conquistou o 2º lugar e foi admitido. Diz hoje que se tratava de uma narrativa "algo rebuscada", deixando perceber a certeza de que, se a reescrevesse, mudaria muita coisa.

Enquanto aguardava o início das aulas na Escola de Cinema regressou a Leiria. Os dias custavam a passar. Aguardava ansiosamente pelos fins-de-semana, para estar com os amigos que entretanto também tinham entrado na universidade. Para preencher os tempos mortos decidiu formar uma banda. Precisava de um baixista, um baterista e uma vocalista, porque gostava de fazer duetos. Na altura já tocava guitarra e escrevia letras para as músicas. Nasceu assim a banda "Silence Four" constituída por quatro leirienses: David Fonseca, Sofia Lisboa, Rui Costa e Tozé Pedrosa.

David Fonseca inscreveu-se em cinema na Escola Superior de Teatro e Cinema, onde se apaixonou pela fotografia e ficou rendido a todas as disciplinas relacionadas com a imagem

Ao longo do curso de cinema, David Fonseca conciliou sempre os estudos com os ensaios da banda. Ainda lhe sobrava tempo para ser locutor, numa rádio local de Leiria. A experiência ajudou-o a ser mais extrovertido. No programa de autor a que dava voz fazia promoção aos "Silence 4" – sem nunca dizer que fazia parte do grupo – e chegou a entrevistar os "The Gift", quando estes eram ainda desconhecidos.

O grupo ensaiava aos sábados numa aldeia perto de Leiria. Era uma espécie de um ritual: acendiam velas, festejavam a amizade, tocavam e escreviam músicas. Os outros amigos eram convidados a assistir e a reagir como espectadores normais.

As aulas do 1º ano da Escola Superior de Teatro e Cinema conformaram no essencial os conhecimentos que já tinha adquirido sobre fotografia.

Por uma curiosa razão: o livro que iria encontrar como bibliografia principal da cadeira de fotografia era já seu velho conhecido, uma vez que o tinha pedido de presente aos pais, sem saber, quando completou os 18 anos.

Dos professores recorda José Bogalheiro, Ana Luísa Guimarães e Daniel d' El Negro, em casa de quem viu, pela primeira vez, uma maravilha chamada Internet. Este professor marcou-o bastante, pela paixão que ambos tinham pela fotografia. O esforço e empenho que demonstrava na realização dos trabalhos eram reconhecidos pelos professores, que o motivavam para seguir a área de direcção de imagem, onde acabou por se especializar.

Dava-se bem com todos os colegas que estudavam com ele. Ainda os "Silence 4" não eram conhecidos, convidou a turma a vê-los actuar no Ritz Club. Mais tarde nem queriam acreditar que David Fonseca era o vocalista da banda que estava a fazer tanto furor. Ainda hoje mantém contacto com alguns deles, recordando com alegria que o primeiro videoclip dos "Silence 4" foi produzido por colegas de turma.

No final dos estudos percebeu que nunca chegaria a director de imagem sem antes ser assistente. Desistiu da ideia porque era demasiado distraído para essa função. "Só de pensar que tinha de trocar as bobines do *magasin* já nem dormia", graceja. Consciente que estava a ser demasiado presunçoso, confessa que o nível de autoconfiança que teve, e que hoje ainda mantém, foi o que o fez chegar mais longe.

Nunca conseguiu, como ambicionava, ser assistente de um fotógrafo na área da moda ou da publicidade, mas viu abrirem-se-lhe as portas da música. No ano em que terminou o curso, assinou contrato com a editora discográfica Polygram, para uma participação na colectânea "Sons de todas as cores". Foi o pontapé de saída para o sucesso dos "Silence 4". O disco incluía bandas conhecidas como *Os Delfins*, os *Santos e Pecadores* e o compositor e intérprete Pedro Abrunhosa. Pouco tempo depois, para sua surpresa, a canção "A Little Respect" dos Erasure, interpretada pelo grupo, estava no top de preferências da Antena 3.

Marketing no ciberespaço

INICIALMENTE vista como uma ameaça para a maior parte dos músicos, a Internet é hoje a sua grande aliada na promoção dos trabalhos discográficos. No lançamento do álbum "Dreams in Colour", David Fonseca criou os *webisódios*, uma série de vídeos, disponíveis no blogue do cantor, onde os cibernautas podem acompanhar, quinzenalmente, as diferentes fases de criação musical. Antes de chegar às lojas, o tema que lançou o novo disco, "Superstars", estava disponível no *on-line*, para que os utilizadores fossem os primeiros a conhecê-lo.

"Apostar na produção de vídeos para a Internet, como meio de divulgação, só foi possível a partir do momento em que as ligações se tornaram mais rápidas" – explica David Fonseca. Depois apareceu o Youtube (maior site de vídeos da internet) e a procura popularizou-se e democratizou-se. Para alegria de todos.

À boa maneira das estrelas pop, David Fonseca tem um site pessoal, onde disponibiliza fotografias, dá conta das últimas novidades dos discos e onde existe um fórum, através do qual os fãs podem trocar opiniões.

Quando assinaram o contrato com a editora, foi ainda na qualidade de banda de risco que iria vender mil unidades a amigos e familiares. Mas o sucesso espreitava. O álbum de estreia da banda atingiu as 240 mil cópias vendidas, um feito inédito para um grupo nacional. Ainda hoje diz não conseguir perceber porquê. Ao tentar encontrar uma explicação racional, admite que possa ter sido resultante de vários factores: o entusiasmo da Expo 98, vivido pelos portugueses, associado ao facto de as músicas serem cantadas em inglês. Os dois primeiros anos de sucesso da banda foram sempre vistos, pelos próprios, com algum espanto.

Os "Silence 4" ficam para a história como um fenómeno da música portuguesa dos anos 90. E a música passou a fazer parte da vida de David Fonseca a cem por cento. Lançado no estrelato, o compositor e intérprete continua na crista da onda, tendo sido eleito, já neste início de 2008, o artista do mês pela MTV canal de música português.

O sonho de ser fotógrafo

O ENTUSIASMO de David Fonseca pela fotografia começou aos 15 anos, através das reportagens dos "Grandes Fotógrafos da Magnum", um suplemento vendido com um jornal. Nessa altura, pediu aos pais uma máquina fotográfica que tivesse uma lente removível. O desejo foi concedido. A partir daí nunca mais parou de fotografar com uma *Zenith*, que o acompanhava para onde quer que fosse.

Hoje revê a adolescência em centenas de fotografias. Durante muitos anos foi coleccionando negativos. O dinheiro não chegava para a edição em papel, e muito menos ainda, para a ampliação. Os pais, vendo tanto empenho na arte, ofereceram-lhe um equipamento de revelação. David transformou a casa de banho em laboratório e enfiou-se lá horas esquecidas.

Essa experiência, aliada aos livros que ia lendo, acabaram por tornar o *hobbie* em algo mais sério. Começou a fotografar para catálogos de moda e de hotéis, ainda em Leiria, e participou em exposições individuais e colectivas. Hoje a fotografia é ainda a paixão que lhe consome avultadas somas de dinheiro em equipamentos fotográficos e livros.

Prefere a fotografia analógica à digital e acredita que o preto e branco, revelado tradicionalmente, continuará sempre a existir. Opta habitualmente pelo médio formato e já construiu de raiz, na casa do campo onde vive, um laboratório profissional. As paredes estão decoradas com azulejos vermelhos e a bancada é em inox. Diz que a revelação em estúdio é uma ocupação que o descontrai e espera poder ainda, um dia mais tarde, tornar-se professor de fotografia.

"Luzes… Câmara... Acção…"

COM os videoclips "Superstars" e "Rocket Man", disponíveis na internet, David Fonseca estreia-se a solo no mundo audiovisual. Os dois temas do álbum "Dreams in Colour", que já é disco de ouro, foram realizados na íntegra pelo artista. Um trabalho que reconhece só ter sido possível graças aos conhecimentos e às técnicas adquiridas enquanto aluno de cinema da Escola Superior de Teatro e Cinema.

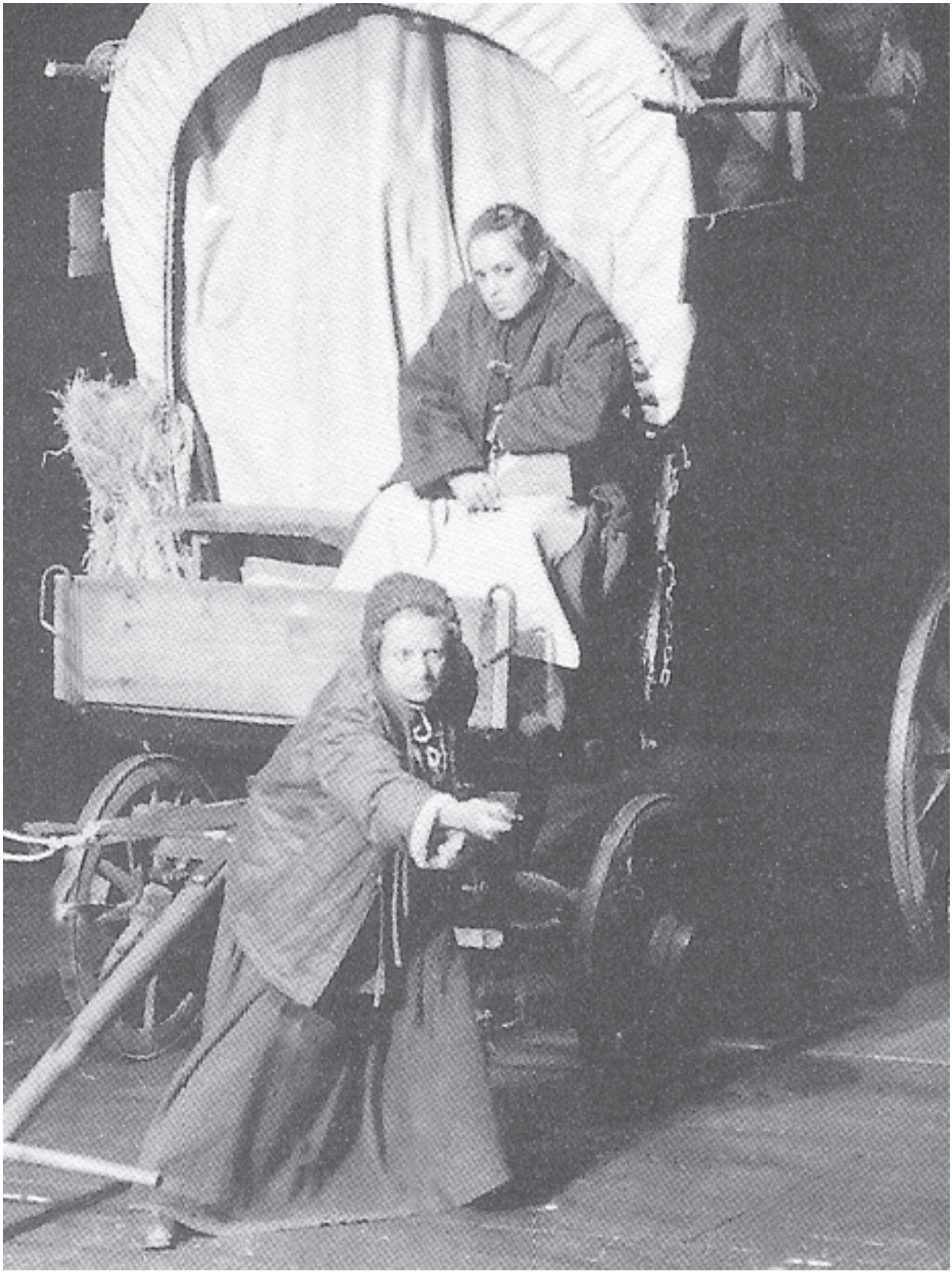
"Superstars", o primeiro videoclip a ser por ele realizado, foi o mais visto de sempre no Sapo, com 41 mil visualizações, a que se somam as 100 mil do YouTube, a maior plataforma de vídeos na internet. O vídeo, concebido em vinte dias, da criação da ideia até à entrega do produto final à editora, reúne cenas gravadas numa biblioteca universitária, na praia do Meco e em casa do vocalista. Fizeram parte da equipa de produção um director de fotografia, um electricista, um maquinista e uma maquilhadora.

Realizado, montado e co-produzido pelo músico, o videoclip do "Rocket Man", é o seu preferido. O tema, um clássico de Elton John, interpretado por David Fonseca, é acompanhado por um vídeo de autor. Filmado num só *take*, com uma única câmara, foi feito em tempo *record*: oito dias depois, o trabalho estava pronto. David Fonseca diz que se tratou de "uma experiência radical em termos audiovisuais" na forma como se apresenta ao público. Um atrevimento só possível por ter sido ele o realizador. Os ganhos de confiança, permitiram-lhe expor-se mais e arriscar.

Em sua opinião, um videoclip é tão importante quanto a música, pela mensagem que o conjunto de imagens transmite. O artista só lamenta que o tempo exigido para a sua preparação lhe não permita assumir sempre o papel de realizador.

No mercado português, onde por razões financeiras, os videoclips são feitos de uma forma "muito caseira", é necessária uma grande dose de criatividade para que o produto se diferencie no mercado. O que não acontece geralmente com os videoclips estrangeiros, confiados a produções extremas e filmados em película. Mas, como soe dizer-se, *quem não tem cão, caça com gato...*

“Mãe Coragem” vai fazer 80 anos



Eunice Muñoz

A primeira-dama do teatro português

Intérprete genial da peça teatral “Mãe Coragem”, a obra-prima do dramaturgo alemão, Bertold Brecht, sobre a guerra dos Trinta Anos levada à cena no Teatro Nacional D. Maria II, que a consagrou como a maior actriz portuguesa do Século XX, Eunice Muñoz, prestes a completar 80 anos de idade, foi homenageada pela Escola Superior de Teatro e Cinema, no arranque do ano lectivo 2007/2008. Associando-se à festa e à homenagem, a Politecnia foi ao encontro desta mulher singular, que ao longo de 66 anos de carreira deu corpo e voz a personagens que ficaram para sempre na memória dos que tiveram o privilégio de a ver subir ao palco e representar, e traça aqui um perfil da primeira-dama do teatro português.

Textos de Vanessa de Sousa Glória

Eunice (à esquerda na imagem) com quatro anos ao lado do irmão, Hernani, na sua estreia em palco na teatro dos pais

Figura emblemática do teatro português, esta mulher invulgar, nascida à boca de cena, não só fez carreira nos palcos, incluindo os de revista, mas na televisão, no cinema e na rádio.

Hoje, aos 79 anos, mantendo inalterado o mesmo ânimo de sempre, continua a subir ao palco para fingir ser quem não é, abraçando fervorosamente aquela que considera a mais maravilhosa e cruel das profissões.

Ironicamente, a maioria dos portugueses recorda-a mais da televisão do que do teatro, fascinada com o seu desempenho no papel de D. Branca, na telenovela "A Banqueira do Povo".

Antiga aluna do Conservatório Nacional, o antepassado ilustre da Escola Superior de Teatro e Cinema, Eunice há muito se fixou como a referência excepcional das artes de palco, tendo sido condecorada pelo Presidente da República, à época Mário Soares, quando completou 50 anos de carreira..., já lá vão dezasseis anos. Olhar intenso, voz serena, de bem com a vida e consigo própria, Eunice do Carmo Muñoz é hoje unanimemente considerada, e acarinhada, como a primeira-dama do teatro português.

Dotada de invulgares capacidades, técnicas e humanas, ela consegue passar, com grande facilidade, de um registo cómico para uma interpretação dramática ou trágica. Walter Avancini, realizador brasileiro, não se cansa de repetir isso, a propósito da sua interpretação n'"A Banqueira do Povo", a sua mais aplaudida interpretação em televisão. Na pele da controversa D. Branca, protagonista do escândalo que envolveu centenas de pessoas e inspirou múltiplas manchetes de jornais, Eunice estreou-se nesse tipo de desempenhos televisivos, na popular telenovela dos anos 90. Aí contracenou pela primeira vez com o jovem actor Diogo Infante – de quem hoje é grande amiga –, que via nela a referência máxima da profissão que acabava de abraçar. Recentemente voltaram a encontrar-se, agora no teatro, na peça "A Dúvida", do dramaturgo norte-americano John Patrick Shanley, no Teatro Maria Matos. Aí se confrontam, nos papéis de representantes de duas correntes opostas da Igreja Católica, por causa do Concílio Vaticano II. A actriz, que irá completar 80 anos no próximo dia 30 de Julho, continua a encher as salas dos teatros, um pouco por todo o país. Prova disso é a centésima representação de "Miss Daisy", de Alfred Uhry, que entrou em cena em 2006, no antigo Cineteatro de Oeiras, rebaptizado em sua homenagem como Auditório Muni-

Eunice Muñoz, em 1968, aos 40 com os seus seis filhos

Uma cena da comédia “Três em Lua de Mel”, de Jorge de Sousa, levada a cena no Teatro Variedades em 1961, vendo-se da esquerda para a direita, em primeiro plano, António Silva e Costinha ; e, em segundo plano, Henrique Santana, Maria Helena, Aida Baptista, Ribeirinho e Eunice Muñoz

cipal Eunice Muñoz. A peça, aplaudida repetidamente de pé, conta a história de uma senhora judia e do seu motorista negro, na América de meados do século XX, com referências à luta pelos direitos cívicos e a Martin Luther King.

Dotada de uma vida muito intensa, Eunice serve-se dela como fonte de trabalho. Casada três vezes, reconhece que procurou, sem sucesso, um amor igual ao que o pai tinha pela mãe. Hoje vive sozinha em Paço de Arcos, na casa que escolheu para si há mais de 40 anos. Não tem medo da solidão. O que a assusta é a falta de saúde e, por isso, cuida-se o mais que pode. E quando fala nisso recorda que, em pequena, sonhava trabalhar num hospital. As batas brancas e cheiro dos desinfectantes seduziam-na. Mas o seu destino era outro.

Mãe de seis filhos, acredita que uma actriz tem de passar pela maternidade, para se realizar integralmente e poder enfrentar todos os desafios que a profissão lhe coloca. Uma das netas estuda já teatro, o que faz dela uma “avó babada”.

Para a sua inesquecível interpretação da “Mãe Coragem”, de Bertold Brecht, encenada por João Lourenço, inspirou-se nas memórias afectivas,

Na peça “Deliciosamente Louca” (1967) com Ruy de Carvalho, à esq., e Vasco Morgado Jr.

Múltiplas faces de

encarnando uma personagem onde amor e ódio se confundem. Marco histórico da sua carreira, com essa peça arrecadou todos os prémios possíveis e atraiu ao Teatro Nacional D. Maria II, no Rossio, público que há muito andava afastado do teatro.

Nasceu e cresceu numa família onde, há várias gerações, o acto de viver e estar no palco se confundem. Os avós, os tios e a mãe de Eunice, Júlia Muñoz (Mimi), constituíram o grupo teatral itinerante "Troupe Carmo", que levava os espectáculos à província. Andaram anos e anos de terra em terra, sem residência fixa. Até ao dia em que Francisco do Carmo, o avô materno, cansado das dormidas nas pensões, adquiriu uma casa na Amareleja, no Alentejo, que passou a ser o ponto de partida da Troupe para as actuações nas terras vizinhas. Foi nesta casa, na terra mais quente de Portugal, que Mimi deu à luz Eunice, no dia 30 de Julho de 1928. Tal como o avô Francisco, sente um imenso fascínio pelo Alentejo, onde sente serenidade e paz.

Os pais Hernâni Muñoz – uma das atracções do Circo Muñoz – e Mimi Muñoz formaram mais tarde uma outra companhia teatral, onde Eunice começou a fazer as primeiras actuações. Um pouco contrariada, aos 5 anos já subia ao palco, inventando frequentemente histórias de última hora para tentar não entrar em cena. Vestida a rigor, interpretava canções da moda como "Uma Porta e Uma Janela", muito popular na época.

Fez os estudos ao ritmo das tournées familiares, só tendo sido admitida no liceu em Fornos de Algodres, quando os pais trocaram a profissão de artistas pela de empresários de pequenos grupos de variedades. Ainda hoje recorda o dia 28 de Novembro de 1941, em que, com apenas 13 anos, se estreou no Teatro Nacional D. Maria II, na peça "Vendaval", com a companhia Rey Colaço/Robles Monteiro. Nesse dia Amélia Rey Colaço – a sua grande referência – não deixou correr o pano sem antes ajeitar os laços do cabelo da jovem menina, que considerou "o talento mais brilhante" revelado pela sua companhia.

Quando entrou para o Conservatório Nacional, ainda menor, era obrigada ainda a pedir autorização à direcção da escola para poder participar em peças. As artes do ofício eram-lhe então já ensinadas não só pelos professores, mas, igualmente, pelos actores com quem contracenava.

Viu pela primeira vez o seu nome figurar ao lado dos nomes de Mirita Casimiro e Vasco Santana no cartaz que anunciava a comédia musicada "Chuva de Filhos", no Teatro Variedades, em 24 de Julho de 1945. Aconteceu no preciso dia em que foi

uma grande actriz

prestar provas finais no Conservatório, que lhe atribuiu a classificação de 18 valores.

Estreou-se no cinema em Abril de 1946, no filme "Camões", de Leitão Barros. A sua interpretação de Beatriz da Silva – a mulher que amava o poeta, sem ser correspondida –, valeu-lhe o prémio de Melhor Actriz do ano. Foi nas filmagens de "Camões" que conheceu o arquitecto Rui Ângelo do Couto, responsável pelos cenários, com quem viria a casar e a "estrear-se", com 19 anos, no papel de mãe.

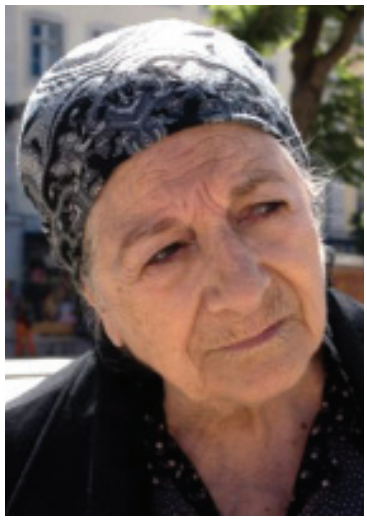
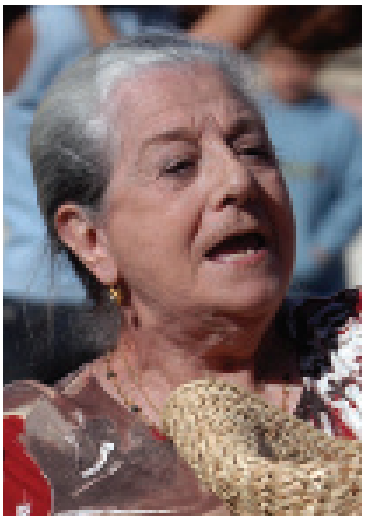
Galardoada várias vezes ao longo da vida, foi condecorada pelo Presidente Mário Soares em 1991, o ano em que o Museu do Teatro a homenageava pelos 50 anos de carreira. Também no cinema os êxitos se sucederam, ininterruptamente, nos onze filmes em que acabou por participar.

Experimentou várias vezes (ainda experimenta), a estranha sensação de não viver uma vida verdadeira, repartida que está a sua existência pelas vidas fingidas que vive em cena. Talvez por isso, um dia – tinha então 23 anos – surpreendeu tudo e todos ao trocar os palcos pelo balcão do Mr. Cork, uma conhecida loja de cortiças do Príncipe Real. Apesar de muito criticada, prolongou a "licença sabática, experimentando outras profissões. Numa fábrica de cabos eléctricos, no Barreiro, meio operário por excelência, desempenhou funções de secretária. E foi nessa altura que conheceu o engenheiro Ernesto Borges, o segundo marido, com o qual teve mais quatro filhos.

Apoiada pelo marido, "companheiro inexcedível" pôs fim ao interregno de quatro anos e ensaiou um regresso ao teatro, surpreendendo o público com uma arrebatada interpretação da Joana d'Arc. Aí estava ela de novo.

Nos anos 60, no Teatro Monumental, faz uma Ann Sullivan avassaladora, desempenho que viria a ser reconhecido com a atribuição do Prémio do SNI, o maior galardão da época, instituído pelo aparelho de propaganda do Estado Novo. Teve "a sorte" – como faz questão de dizer – de ser dirigida, ao longo da sua carreira, por encenadores tão distintos quanto Carlos Ávilez, Jorge Listopad, João Lourenço e, mais recentemente, n'"A Dúvida", Ana Luísa Guimarães.

Associada a Raul Solnado, um amigo de longa data, é uma das fundadoras da Companhia Portuguesa de Comediantes, instalados então no Teatro Villaret. Mas foi com a companhia "Somos Dias" que foi em tournée pela primeira vez a terras africanas, acompanhada pelo saudoso actor José de Castro. Ganhou, aí, o gosto pelas viagens – Inglaterra, França, China, Argen-

A actriz, com o presidente do IPL, Vicente Ferreira, no dia da homenagem na Escola Superior de Teatro e Cinema

tina, Uruguai. Impressionou-se com a miséria que viu na Índia; espera voltar a Itália, para desfrutar da beleza da cidade de Florença. Mas há agora um problema; de há uns anos para cá, ganhou medo de andar de avião…

Insatisfeita por natureza, Eunice renova a aposta de encontrar – ontem, hoje, sempre – novos caminhos para o teatro, experimentar novas experiências. Foi esse desassossego que a levou a viver uma fase hippie. Foi uma época de grande liberdade e autoconhecimento, partilhada com intelectuais e artistas, pintores, poetas. Nos cafés Monumental e Monte Carlo discutia ideias e assumia irreverências, com surrealistas, opositores ao Estado Novo, boémios. Conheceu Mário Cesariny, Cordeiro Seixas, Fernando Azevedo e Luiz Pacheco. Do relacionamento com o poeta António Barahona nasceu a sai última filha.

Após o 25 de Abril ausentou-se de novo do teatro mas, quatro anos volvidos, voltou a pisar os palcos, integrada na companhia do Teatro Nacional D. Maria II. Presença assídua das televisões, foi através do pequeno ecrã que se aproximou do grande público, impossibilitado pelas razões materiais e a pouca apetência pela cultura de a ir ver ao teatro. “Olhos de Água”, “Coração Malandro”, “Dei-te Quase Tudo”; e,

Quando o circo descia à cidade

INTEGRADA numa dinastia de artistas de teatro, circo e música, Eunice Muñoz herdou de avós e pais o gosto pelo contacto com o público e com o mundo do espectáculo. Filha, neta e bisneta de actores de companhias de teatro, ambulantes, desmontáveis, cumpriu a tradição familiar, e com apenas 5 anos fez as primeiras aparições na companhia teatral itinerante Mimi Muñoz criada pelos pais, Mimi Carmo e Hernâni Muñoz.

Eunice é a primogénita do casal. O pai, descendente dos Cardinali, era bailarino do circo familiar Muñoz, um circo diferente do habitual, que incluía nos espectáculos um conjunto musical e danças de salão. O avô paterno, Angel Muñoz, violinista diplomado pelo Conservatório de Madrid, abandonou a orquestra sinfónica da capital espanhola, integrando-se no Circo Cardinali, para estar perto da mulher da sua vida, a italiana Albina Cardinali, amazona do volteio a cavalo. Um belo dia, ao chegar a Elvas, raptou-a e fugiu com ela para Espanha, onde casaram.

A mãe, baptizada como Júlia mas conhecida por Mimi, era da família Campos Carmo. Actuava no Grupo Dramático Familiar ‘Troupe Carmo’, que se tornou famoso sobretudo no Alentejo e Ribatejo.

Mimi e Hernani casaram no ano de 1927 e integraram-se de imediato na Troupe Carmo. Mas as desavenças constantes com a sogra levaram o casal a constituir um grupo teatral autónomo, baptizado de Mimi Muñoz, que assentava sobretudo no talento da mulher, mãe de Eunice.

mais recentemente, "Ilha dos Amores", onde teve uma participação especial, são algumas das telenovelas que fazem parte do seu trajecto.

Dotada de humildade que caracteriza as pessoas cultas e bem formadas, assume uma atitude de grande serenidade perante a vida e as contrariedades. Aplaudida vezes sem conta, pergunta a Deus como pode retribuir o carinho e o apreço das pessoas que a abordam na rua.

Católica praticante, a religião está presente no seu dia-a-dia. No camarim tem imagens religiosas, velas e um terço.

Chega sempre ao camarim muito antes de começar o espectáculo. Bebe um chá e inicia um processo de concentração, que a liberta das preocupações diárias. E o ritual repete-se, com renovada determinação.

Sob a direcção de Filipe la Féria, contribuiu para o êxito estrondoso do "Passa Por Mim no Rossio" um marco na história do teatro de revista do pós-25 de Abril. Mostrando os dotes de cantora e bailarina, Eunice fazia reviver figuras carismáticas, como foram, em épocas muito distantes, Estêvão Amarante e Ivone Silva.

Os que com ela trabalham curtem o privilégio de a ouvir contar, de viva voz, histórias que marcaram o teatro contemporâneo português.

Sempre disponível para os amigos, gosta muito de conviver e partilhar emoções. Diz, com grande convicção, que em Portugal existem grandes actores e actrizes, lamentando que o campo cultural tenha sido sempre, de certa maneira, mal-amado por quem o deveria acarinhar.

Foto de Catarina Neves

Eunice à conversa com a *Politecnia*, no camarim do Teatro Maria Matos

Mantém, da adolescência, o hábito de ir ao cinema. Aprecia o trabalho de Nicole Kidman e não gosta muito de romances. António Lobo Antunes, o consagrado autor de "Memória de Elefante" e "Os Cus de Judas", é um dos seus escritores preferidos.

Há vários anos que deixou de fumar. É gulosa por açúcar e grande apreciadora da cozinha portuguesa, embora se confesse incapaz de comer "Tripas à Moda do Porto". Passa as férias em Portugal, repartindo entre a praia no Algarve e as termas de São Pedro do Sul.

Consciente de que atravessa o Outono da Vida, Eunice Muñoz promete continuar, enquanto a vida lho permitir, a surpreender o público do teatro e da televisão.

Foto de José Frade

Na peça "A dúvida", reposta em Janeiro no Teatro Maria Matos, contracenando com Diogo Infante

Uma lição de vida*

Foto de Vanessa de Sousa Glória

POR vezes, quando entramos em cena, não temos muita vontade de representar, fazer a peça, porque para trás ficou um dia em que aconteceram muitas coisas, umas más e outras boas. Mas a partir do momento em que entramos ali, temos de esquecer tudo. Não é fácil. Mas, se amamos verdadeiramente o teatro, o esforço que temos de fazer não é grande. Esta é também uma profissão cruel, que não abre mão de nada. Quando ali estamos, nada mais existe – nem amores desfeitos, nem filhos doentes, nem pais a reclamar carinho e protecção. Nada. A profissão exige tudo de nós. Por isso, só vale a pena sermos actores ou actrizes quando amamos muito o teatro. Amá-lo acima de todas as coisas? Não sei, sinceramente. Mas sei que esse amor tem de ser muito forte para poder resistir a tanta coisa.

Há noites, repito, em que não nos apetece. Mas ao entrarmos em cena, tudo desaparece. A ponto de nos esquecermos completamente da razão por que não nos apetecia. E tudo passa…

Vocês escolheram uma profissão maravilhosa, uma profissão que tem tanto de cruel quanto maravilhosa. É, pois, a vocês, jovens, futuros actores e actrizes, que dirijo esta mensagem de ternura e força. Trabalhem muito, sejam honestos na vossa procura e, acima de tudo, tenham bom gosto. Não percam tempo com coisas que não interessam nada, como passar a vida a dizer “Aquele actor é melhor do que eu ou eu representei melhor o papel do que ele”. Sejam compreensivos para com quem se expõe, que no fundo é aquilo que vocês também fazem. Expormo-nos é terrível, é uma das coisas mais difíceis da nossa profissão. Mas temos de nos expor completamente. Desvalorizem as intrigas e recusem a inveja, que é um sentimento horrível, mesquinho, baixo. Eu agradeço sempre a Deus por nunca ter tido esse sentimento, que é destruidor, acaba com o que podia ser bonito. Muito cuidado com isso!

Esta é uma profissão de desafios, desafios constantes. Não se deixem cair na tentação da má-língua. Cuidado. Colegas que vão para os corredores, nas estreias, dizer mal do espectáculo que estão a ver, é coisa estranha. Percebo que se faça isso quando não se é actor, Mas quando se conhece a realidade por dentro, não entendo lá muito bem. Nós sabemos, temos obrigação de saber, como é difícil, como a luta é grande.

O que interessa, o que vos interessa, é fazer uma carreira. E fazê-la bem, lutando por ela e deitar fora estas coisas pequenas que, no fundo, são tão insignificantes que não deixam rasto. E ainda bem que assim é.

Sejamos humanos, simples e gratos. Depois de estar numa escola de teatro, quando decidimos ser actores, quando finalmente estamos em cima de um palco a representar um papel, devemos ser generosos e, acima de tudo, compreensivos. É um conselho que vos deixo.

**Mensagem de Eunice Muñoz aos alunos da Escola Superior de Teatro e Cinema, durante a homenagem que ali lhe foi prestada, no dia 24 de Outubro de 2007*

Foto de Vanessa de Sousa Glória

Carta de Amor a Eunice Muñoz

EUNICE Muñoz abre o meu atlas de teatro em Portugal. Foi no Teatro Avenida, em Coimbra, no ano de 1967 que vi Eunice pela primeira vez (já que ouvi-la a ouvia na Rádio, companhia inseparável da minha infância solitária). Era também a primeira vez que ia a um teatro sério (por oposição às salas das colectividades amadoras ou festas paroquiais onde o meu pai ensaiava) e que podia ver um espectáculo profissional! O espectáculo era, nem mais nem menos, *António Marinheiro, o Édipo de Alfama*, de Bernardo Santareno, encenado por António Costa Ferreira, o actor que me haveria de fazer, calculem bem, a prova prática de entrada para o curso de Actores do Conservatório Nacional em meados dos anos 70!

Nada poderia ser mais auspicioso e desinquietador para uma jovem reprimida e triste do que aquele registo trágico que me ensinou que os pequenos dramas pessoais são inexpressivos. Seria esta a minha primeira lição sobre Tragédia, a representação, artisticamente estilizada, do Insuportável para a medida humana.

Bem, apaixonei-me logo ali pelo João Perry – que me povoou os sonhos durante muitos dias – e fiquei completamente fascinada por aquela mãe-dolorosa apanhada pelas teias cegas do Destino. Lá sabia eu os nomes arquetípicos de Édipo e Jocasta! O que eu retive, para sempre, foi a dor dilacerante da mãe-amante nos gritos roucos de Amália (Eunice) e os urros surdos do seu António (João Perry) que – eu vi! – trepava pela parede com a energia de um louco.

Passaram-se muitos anos. O regime, em pano de fundo daquela tragédia, caiu. Começava a vida como festa, cenário dos nossos vinte anos. Regressada de França, triste agora com uma tristeza nova, ingresso no Conservatório Nacional e revejo Eunice, muito bela nas suas saias coloridas e nos seus cabelos soltos de Maga. Não tardou muito, vi-me crítica de teatro. Carregava a grande responsabilidade dos meus amores teatrais mas adquirira, também, o grande privilégio de poder, publicamente, festejar os meus amados mitos.

Eunice voltou a arrebatar-me: não tinha visto a *Joana D'Arc* (1955) – de que falavam os documentos e de que me falaria, apaixonadamente, nos Estados Unidos (calculem bem!), Mécia de Sena (em 1989) que, aliás, com o marido, Jorge de Sena, apadrinharam um casamento de Eunice – mas vi *Bernarda Alba* (1983)! *Não* vira *Fedra* (1967) mas vi *Mãe Coragem* (1987)! Não vi, é certo, *As Criadas* (1972) mas vi *Caminho para Meca* (1995)! Não vi *O Homem que Fazia Chover* (1965) mas vi *Miss Dasie* (2006)! Não vi também *As Raposas* (1966) mas acabo, há muito pouco tempo, de me empolgar com *A Dúvida* (2007). Mas não esqueço igualmente outros espectáculos com Eunice: *Anúncio Feito a Maria* (1983), *O Parque* (1985), *D. João e as Máscaras* (1989), *As Fúrias*, *A Maçon*, *Zerlina* (1988-199?), *Madame* e o seu "Estêvão Amarante" em *Passa por Mim no Rossio*!

Poetas, encenadores, actores, escritores, artistas plásticos, filósofos, cientistas amaram e festejaram Eunice nas suas obras. Porque Eunice é musa e é diva, como se encontra "classificada", qual espécie científica, no livro *Mulheres Inesquecíveis do Século XX*.

Eu, com todos nesta Escola Superior de Teatro e Cinema (do Instituto Politécnico de Lisboa) – filha do Conservatório onde Eunice brilhou menina –, escrevo-lhe, hoje, uma modesta carta de amor. Que eu espero a vá encontrar de saúde para continuar, para sempre, a arrasar-nos o coração.

Inspirando-me nas palavras do grande António Pedro, declaro: Amo-te, Eunice.

Eugénia Vasques

Aprender a gerir o conhecimento

A proposta de um novo modelo de Gestão do Conhecimento é o tema central do livro da Professora Maria Amélia Nunes de Almeida, que o IPL acaba de lançar na colecção Caminhos do Conhecimento. A obra transcreve a tese de doutoramento, apresentada à Universidade espanhola da Estremadura, da actual presidente do Conselho Directivo do ISCAL

MARIA Amélia Nunes de Almeida apresenta neste livro um novo Modelo de Gestão do Conhecimento, desenvolvido na perspectiva do Modelo de Triple Hélice de *Leydesdorff e Etzkovich*, conectando empresas, universidades e Governo. O modelo é explicado com prévia exposição dos fundamentos teóricos que o sustentam.

A análise da situação da Gestão do Conhecimento em Portugal é apresentada através de indicadores macroeconómicos, comparando Portugal, com outros países, em diversas vertentes do conhecimento (publicações científicas, investimentos em I&D, etc.). Compilam-se, e actualizam-se, resultados de investigações sobre o tema, em especial o crescimento dos "serviços informacionais" (empresas intensivas do conhecimento), relevando a oferta e a procura destes serviços que pretendem explicar o crescimento do conhecimento em Portugal.

O trabalho culmina, com um estudo de amostra, baseado em 470 orga-

Maria Amélia Nunes de Almeida

nizações (empresas, universidades e Governo) testando o modelo empírico, proposto à Comunidade científica.

Os resultados permitem concluir que existe convergência de opiniões dos académicos, políticos e empresários, no que se refere à importância da Gestão do Conhecimento, como factor de competitividade, criação de valor e avanço na concretização duma Sociedade do Conhecimento. É esse, de resto, o objectivo estratégico da União Europeia, cimentado na Cimeira de Lisboa em 2000, referendado em Barcelona em 2002 e reforçado na Estratégia de Lisboa em 2007.

Neste momento, não é boa a situação da Gestão do Conhecimento em Portugal. A população activa entrou, neste terceiro milénio, com baixas qualificações académicas e profissionais e uma administração pública sem motivação. É, assim, necessário desenvolver esforços conjuntos nos três mundos, visando a recuperação do atraso, com crescimento sustentado que permita alcançar os parceiros europeus.

Apesar disso, existem algumas acções de conexão entre Governo, empresas e universidades, sendo necessário maior empenho do poder central e das universidades.

Metamorfoses Comunicacionais

A METAMORFOSE cultural, a mediação global das novas tecnologias da informação e da comunicação, são as preocupações dominantes do ensaio "Híbridos Tecnológicos" de Margarida Carvalho, professora da Escola Superior de Comunicação Social.

A obra, editada pela Vega, e já disponível no mercado, alude à criação de paisagens, à desterritorialização das fronteiras entre os seres e as máquinas, à ficção e à realidade, ao natural e ao artificial. Ali se fala equaciona o facto de interagirmos, enquanto cibercidadãos que somos, num mundo em total ligação. Nele, a "arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos", define uma política de identidade contemporânea, na qual o sujeito se revê numa sua representação.

Dando seguimento à sua tese de mestrado, o ensaio de Margarida Carvalho é uma reflexão sobre a condição de hibridação da cultura e das artes contemporâneas, partindo das relações entre estas e a tecnociência, fundamentalmente pensando a cultura de globalização. A temática tem por base a análise do pensamento de autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Gattari, reportando-se estes últimos ao célebre rizoma. Tudo gira em torno da multiplicidade, em que "nada tem a ver com significar mas com agrimensar e cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir."

"Híbridos Tecnológicos" divide-se em três partes distintas. Na primeira é feita a cartografia, com base na constelação problemática, como é preconizado pelos mencionados pensadores franceses, Na segunda partem o conceito de híbrido é visto sob o ponto de vista político,

A dança e a música na Educação

O livro Educação pela arte e artes na educação, em três volumes, de A. B. Sousa, editado pelo Instituto Piaget, lança importantes pistas de reflexão sobre o papel das artes na Educação, o Drama e a Dança, como meios educacionais e as bases psicopedagógicas da Música e das Artes Plásticas.

NO primeiro volume desta trilogia abordam-se as bases psicopedagógicas da Educação pela Arte e das Artes na Educação. A Educação pela Arte pressupõe que a Arte deverá ser a base da Educação, concebendo esta como a Formação da Personalidade e aquela como o meio de a promover em todos os seus factores.

As Artes na Educação consistem na inclusão das diferentes artes no contexto educacional. Educação pela Arte centra-se na criança e é desenvolvida por educadores e professores; as Artes na Educação centram-se nas artes, tendo como docentes artistas com formação psicopedagógica.

Estes dois modelos educacionais enquadram-se nas perspectivas humanistas e construtivistas da Filosofia da Educação, possuindo como bases psicopedagógicas o auto-desenvolvimento, a acção, o ludismo, a expressão, a criatividade, a espontaneidade e a relação emocional-sentimental.

O segundo volume debruça-se sobre o Drama e a Dança, como meios educacionais e como artes na educação. Quando uma criança brinca com uma boneca no seu quarto, dizendo: *"- Eu sou a mãe"*, está a desempenhar ficticiamente um papel de mãe, vivenciando-o de modo tão intenso como se de facto fosse a realidade. Quando a mesma criança, num palco, numa festa escolar, perante uma plateia, finge que é a mãe de uma boneca, está a representar.

Uma criança chora, de facto, com dores, quando "vivencia" que um pato (brinquedo de borracha) lhe mordeu, enquanto que finge, mas de facto não tem medo de outra que, num palco, representa um lobo. No primeiro caso temos uma situação de Expressão Dramática e no segundo, uma situação de Teatro.

Na Dança sucede o mesmo: situações em que a criança dança espontaneamente, levada pelos seus sentimentos, de alegria, por exemplo, e situações em que dança para um público.

No terceiro volume abordam-se as bases psicopedagógicas da Música e das Artes Plásticas, evidenciando que ambas se integram nas mesmas estruturas neuropsicológicas que permitem o pensamento lógico e a criatividade.

enquanto desconstrução e libertação. E na terceira parte processa-se uma reflexão sobre o conceito de híbrido, aliado a uma teoria de arte e de técnica.

Margarida Carvalho é licenciada e mestre em Ciências da Comunicação, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Docente na Escola Superior de Comunicação Social, subdirectora do departamento de comunicação organizacional coordenadora da secção de teorias e problemáticas da comunicação.

Vozes do Povo

ESTÁ disponível no mercado "A Voz Agora e Antigamente", tradução portuguesa de Maria João Serrão do original "La Voix maintenant et ailleurs" (1985) da autoria do etnomusicólogo Christian Poché e do compositor François-Bernard Mâche. A obra reporta-se às múltiplas produções vocais de povos de outros continentes e outras culturas, pondo-as em confronto com a escrita erudita para a(s) voz(es) de compositores europeus do século XX.

A palavra "ailleurs" não representa só um tempo – antes, durante e depois. Ela contém a ideia de geografia, do lugar onde os eventos vocais se produzem: na montanha, a norte e sul do planeta, no Alaska, na Austrália, nas ilhas da Indonésia. O confronto é estabelecido com partituras vocais do presente e a ocidente. É mesmo possível apreciar alguns exemplos, em boa hora gravados no CD que acompanha esta edição. Exemplos tão surpreendentes como os que reproduzem as vozes "primitivas". E a escuta ficará beneficiada se deixarmos associar, às várias sonoridades vocais, um imaginário que lhes seja correspondente.

A resistência e os seus limites

AO REGRESSAR de Estrasburgo, onde participei no congresso anual da Associação Europeia de Conservatórios, de que a Escola Superior de Música de Lisboa é membro, parece-me oportuno tecer algumas considerações sobre a situação presente da escola, no que respeita ao problema das instalações. A isso me motiva o facto de ter tido a oportunidade de respirar, durante três dias, o espaço amplo, funcional e estimulante do novo Conservatório de Estrasburgo, onde o congresso decorreu. Trata-se de uma obra de elevada qualidade arquitectónica, integrada no complexo da *Cité de la Musique et de la Danse*, orgulho da cidade, para cuja realização contribuíram múltiplas entidades.

O novo Conservatório de Estrasburgo é um edifício que já constitui referência, pela qualidade dos equipamentos, das salas de aula, dos estúdios e do seu grande auditório, obedecendo aos mais exigentes padrões acústicos. Uma estrutura como esta é uma mais-valia para a comunidade. Além da actividade escolar, ela permite desenvolver uma série de programas, visando captar e cultivar o interesse pela arte junto dos mais diversificados públicos. E está a tornar-se um pólo de atracção de estudantes das mais variadas origens geográficas.

A título de curiosidade, refira-se que este estabelecimento de ensino tem a particularidade de dispor de três salas de órgão destinadas a aulas e estudo, e um pequeno auditório dotado de um órgão sumptuoso. Este espaço, extremamente original, fruto de estreita cumplicidade entre arquitecto e organeiro, é o que maior impressão causa nos visitantes, fazendo as honras da prestigiosa tradição organística da região da Alsácia e Floresta Negra, que os sectores da Cultura e da Educação se têm esforçado por manter viva. Embora não sejamos detentores de um património de tal dimensão, creio que o nosso órgão ibérico, apesar de tudo, bem poderia ser objecto de maior atenção…

José João G. Santos*

Só em instalações condignas a Escola Superior de Música poderá expandir-se, inserir-se num quadro europeu e consagrar-se como instituição especializada do século XXI

Ao longo das muitas horas em que foram abordados tópicos que constituem preocupações comuns, nomeadamente o que se relaciona com a aplicação a escolas artísticas dos princípios decorrentes da declaração de Bolonha (avaliações, mobilidade, acreditação, etc.), fui formando uma nova consciência sobre a singularidade do caso da Escola Superior de Música de Lisboa. Com uma existência de cerca de duas décadas, a nossa escola não tem ainda um espaço minimamente adequado para se fazer música. Integrando eu o corpo docente deste estabelecimento desde o início, constato que já decorreu um lapso de tempo de duas gerações (alguns alunos dos primórdios têm filhos que presentemente frequentam a escola), em que se processaram transformações a vários níveis, excepto num – o espaço físico, que permanece imutável.

Com a sede num edifício totalmente inapropriado, degradado, cujas condições de segurança são extremamente duvidosas, tem-se conseguido ainda uma extensão do espaço de actividade, graças à disponibilidade de instituições que nos têm vindo a ceder algumas das suas instalações. Entre essas poderei referir o Instituto Gregoriano de Lisboa, o Palácio da Independência, o Centro de Estudos Judiciários ou a Igreja Evangélica Alemã.

Apesar do mal-estar e desânimo que esta situação tem desencadeado na população académica, tenho de constatar, paradoxalmente, que também podemos sentir com legitimidade algum orgulho pela tenacidade que se tem demonstrado ao longo dos anos, em que temos vindo a desenvolver um trabalho altamente positivo, reconhecido e apreciado por diversas entidades conceituadas. Duvido que muitos dos estabelecimentos congéneres europeus tivesse, com um tal *handicap*, esta nossa capacidade de resistência, quase heróica!

No actual momento de reformas radicais do Ensino Superior esta situação torna-se insustentável. Como se pode falar, com coerência, em conceitos como exigência de qualidade, competitividade, internacionalização, mobilidade de estudantes, interacção com a comunidade, num contexto semelhante?

Estando prestes a concluir-se a construção do novo edifício, para a qual foi determinante o empenhamento do Presidente do IPL, Professor Vicente Ferreira, faço uma chamada de atenção para que este processo não pode ser vítima de mais bloqueios, adiamentos ou atrasos de última hora.

É da máxima urgência a resolução do problema logístico. Só em instalações condignas a Escola Superior de Música de Lisboa poderá expandir-se, inserir-se num quadro europeu e consagrar-se como instituição especializada do Ensino Superior do século XXI.

*Director da Escola Superior de Música de Lisboa